

Coletânea

Nossa

Lingua Portuguesa

Volume 1



Coletânea
Nossa Língua Portuguesa
Volume 01

Homenagem
a
Eduardo Martins
(1939-2008)



Joanir Fernandes Martinez



Instituto Nacional de Educação a Distância - INED
Modernidade com Responsabilidade

Ano **2010**
Edição **01**

Equipe:

Autora: Joanir Fernandes Martinez

Colaboradora: Renata Ribeiro

Diagramação: Rafael Vracovsky

Digitalização: Dhoulas Lombello

Aos povos que falam a Língua Portuguesa.

Joanir Fernandes Martinez



Prefácio

Entre os anos de 2003 a 2008, a Professora Joanir Fernandes Martinez* compilou uma série de artigos que discorriam sobre o uso correio de nossa Língua Portuguesa. Durante a leitura dos textos presentes neste livro, encontraremos artigos de Eduardo Martins. Assim, como uma atenta pesquisadora da língua materna e sempre com foco nas informações que circulam no dia a dia, estimula o leitor, por meio desse material, a se questionar diante da preocupação que devemos ter para com nossa memória cultural. O seu trabalho em organizar artigos de um jornal impresso que aqui disponibilizamos se volta para a questão da formação da memória cultural de um povo. E você, caro leitor, o que tem feito para propagar ou perpetuar a memória cultural de seu país?

Resgatar dados referentes a nossa cultura nacional é uma das preocupações da pesquisadora Martinez, pois é formadora de educandos e também participe de seu momento enquanto cidadã do mundo.

Por isso, durante a leitura dos textos presentes neste livro, resgataremos artigos de Eduardo Martins, que foi um outro incentivador do uso correio da Língua Portuguesa. Em sua coluna semanal, intitulada “De palavra em palavra”, e publicada no jornal *O Estado de S. Paulo*, vemos que o jornalista faz observações dos mais variados tipos a fim de que saibamos utilizar melhor, em nosso cotidiano, um dos idiomas mais belos que existe.

Descubra esse universo das letras e entenda melhor o seu próprio patrimônio cultural.

Boa pesquisa e leitura a todos.

Professora Renata Ribeiro / São Paulo / 2010

** Professora Joanir Fernandes Martinez é Pedagoga, Bióloga, Especialista em Ecologia e Diretora Pedagógica do Instituto Nacional de Educação a Distância (INED).*

Índice

Chat com o Jornalista Eduardo Martins	08
• CHAT	08
Artigos do Jornalista Eduardo Martins	13
• 01. PORQUE E PORQUÊ	13
• 02. "OUVIRAM DO IPIRANGA"	14
• 03. GRATUÍTO X GRATUITO?	15
• 04. NO OU NA?	16
• 05. "ESTE" PRONOME	17
• 06. RECORDE, CONDOR E RUIM	18
• 07. SEU TIME EMPATOU	19
• 08. NOVOS ÓCULOS E VELHOS PATINS	20
• 09. ESCOLAS DE SAMBA	21
• 10. PANDEMIA? EPIDEMIA?	22
• 11. MAIS PORQUÊS...	23
• 12. POR QUÊ?	24
• 13. COPA DO MUNDO	25
• 14. ONDE ANDA O AONDE?	26
• 15. EMPRESTAR ALGO	27
• 16. PREFIRA...	28
• 17. AGRADECER	29
• 18. NESTE X NESSE	30
• 19. TODA CIDADE OU TODA A CIDADE?	31
• 20. CONFRATERNIZAÇÕES	32
• 21. OS TRÊS REIS MAGOS	33
• 22. SÓIS	34
• 23. RISCO DE VIDA	35
• 24. FAC SÍMILE	36
• 25. DECOROU?	37
• 26. MAS O QUE TEM DE MAIS SE VOCÊS FOREM TÃO MÁS?	38
• 27. HÁ OU A?	39
• 28. A OU HÃ?	40
• 29. CERCA DE QUEM?	41
• 30. SOBRE X SOB	42
• 31. FICOU FEIO	43
• 32. FRADE E FREI	44
• 33. ROMARIA	45
• 34. BICAMPEÃO	46
• 35. MEIO ASSIM...	47
• 36. PÔDE (ATÉ 2008)	48
• 37. TÊM, TEM	49
• 38. LÃ	50
• 39. SÃO JOÃO	51
• 40. MAIS HÍFEN	52
• 41. IMINENTE	53
• 42. VEM, VÊM	54
• 43. SSSSSSSSS ZZZZZZZZZZZZ	55

• 44. CORES E CULINÁRIA?	56
• 45. JOGOS OLÍMPICOS	57
• 46. FALTA QUANTO?	58
• 47. PARABÉNS	59
• 48. SEUS ÓCULOS? MEUS ÓCULOS?	60
• 49. PATINS	61
• 50. FATAL	62
• 51. GERUNDISMO DEMITIDO!	63
• 52. G-E-R-Ú-N-D-I-O	64
• 53. MAIS POR QUE?	65
• 54. MAIS MOTIVOS PARA EXPLICAÇÃO	66
• 55. UM TERÇO	67
• 56. PENTACAMPEÕES	68
• 57. AO INVÉS	69
• 58. MUÇARELA	70
• 59. MAIS MUÇARELA?	71
• 60. PRESÉPIO	72
• 61. FIM DE ANO	73
• 62. PLURAL	74
• 63. É GRATUITO?	75
• 64. PUXA O FREIO!	76
• 65. SAIBA PEDIR	77
• 66. OLÍMPIADA	78
• 67. RISCO DE MORTE	79
• 68. SÃO PAULO É PENTA	80
• 69. 20º ANIVERSÁRIO	81
O adeus ao mestre Eduardo Martins	82
• PUBLICAÇÕES	82

Capítulo 1

Chat com o Jornalista Eduardo Martins

Confira a íntegra do bate-papo com o autor do Manual de Redação e Estilo do jornal O Estado de São Paulo.

Publicado em 23/05/2003 -17:25

CHAT

Moderador Universia: Começa agora o bate-papo com o jornalista e autor do Manual de Redação e Estilo de “O Estado de São Paulo”, Eduardo Martins. Nosso convidado de hoje dará dicas e tirará dúvidas sobre Língua Portuguesa.

Gramática: Olá Eduardo. Sempre tenho dificuldade em usar a crase. Aquele truque de trocá-la por ao sempre funciona?

Eduardo Martins: Gramática: a regrinha funciona na maioria dos casos. Cuidado, porém, porque há casos de locuções com palavras femininas em que a regra não dá certo. Por exemplo, pagamento à vista tem crase, mas não se diz pagamento ao prazo. Por isso, use a regra com cuidado.

Zeca: Boa tarde Eduardo, Como surgiu a idéia de elaborar o Manual de Redação e Estilo do Estadão?

Eduardo Martins: Meu caro Zeca: o Manual do Estado surgiu da necessidade de uniformizar o texto do jornal e lembrar aos jornalistas da empresa uma série de noções a respeito de gramática que terminam sendo esquecidas.

Zeca: Eduardo, ter escrito a obra mudou em algum aspecto a sua relação com os colegas de redação?

Eduardo Martins: Zeca: Não mudou propriamente a redação, embora no começo muitos colegas me encarassem quase como um fiscal do texto deles. Com o tempo, porém, todo mundo viu que o objetivo não era esse, mas uniformizar e melhorar o texto do jornal e tudo foi aceito numa boa.

Dalila: Qual o erro mais frequente que o senhor observa ser cometido atualmente? a moda do A Nível de passou, né? surgiu alguma outra?

Eduardo Martins: Dalila: o “a nível de” vai e volta. Infelizmente, não passou, até porque muita gente acha chique falar “a nível de”. Quanto aos erros propriamente ditos, os principais atualmente são os de uso da crase e os de concordância.

Zeca: Como você se sente por ter escrito uma obra que tornou-se referência para estudantes de jornalismo e demais interessados na Língua Portuguesa?

Eduardo Martins: Zeca: claro que me sinto satisfeito pelo fato de o Manual do Estado ter-se tornado uma referência nessas áreas. Eu não esperava que ele tivesse todo esse alcance. Mas é preciso levar em conta que o nome do Estadão pesou muito: afinal, o jornal só lançaria um livro que fosse sério, e não um livro qualquer, não?

Dayllana: sou estudante de jornalismo e o que eu vejo é que muitas vezes as pessoas saem mais como técnicas do que como profissionais, isso não prejudica a qualidade do jornalismo já que a preocupação se restringe um pouco ao lide, triangulo invertido, etc?

Eduardo Martins: Prezada Dayllana: realmente, esse é um dos problemas mais sérios da profissão atualmente, ou seja, muita técnica e pouca qualidade de texto. Mas repare na importância que os jornais e revistas dão ao texto para comprovar que ele é decisivo na hora de uma contratação.

Isac Newton: Mas estes erros acontecem com frequência nos principais jornais do país?

Eduardo Martins: Meu caro Isac Newton: infelizmente os erros de crase e concordância acontecem com frequência nos principais jornais do País. Muita gente não consegue entender o conceito da crase, o que facilita o aparecimento desse tipo de erro.

Cedilha: Como é mais adequado falar: “trabalho próximo a você” ou “proximamente a você”?

Eduardo Martins: Cedilha: diz-se trabalho próximo a você. Não seria proximamente, porque não se trata de uma circunstância de modo, mas de lugar.

Zeca: Eduardo, você já cometeu alguma gafe no seu texto?

Eduardo Martins: Meu caro Zeca: Já cometi erros, claro. Até mesmo de concordância. Mas, como me policio muito (nem poderia ser diferente), eles são raros hoje em dia. A pressa, de qualquer forma, é uma das maiores inimigas dos jornalistas e responsável por erros que não seriam cometido de outra maneira.

Gramática: Qual erro o senhor acha imperdoável? ou que te irrita mais?

Eduardo Martins: Gramática: em questão de língua portuguesa, nada é imperdoável, pois todas as pessoas têm o seu nível natural de fala. O que acho imperdoável é uma pessoa errar por querer usar estruturas rebuscadas que não conhece (a nível de é um desses casos).

Dalila: Sua uma das pessoas que não entendem o conceito de crase; Qual é esse conceito?

Eduardo Martins: Prezada Dalila: o conceito da crase é simples. Trata-se da contração de uma preposição, o “a”, com um artigo FEMININO, o “a”. Quem entender isso, por exemplo, jamais porá crase em “a pé” ou “a cavalo”: não há artigo FEMININO antes de palavra masculina, como pé e cavalo.

ton: Qual é a forma correia de dizer: onde ou aonde

Eduardo Martins: Ton: depende. Onde se usa para situações estáticas: a casa ONDE MORO, a firma onde ele trabalha. AONDE se usa com verbos de movimento, porque o “a” exigido por esses verbos se junta com o “onde”:

Aonde ele quer chegar? (A que lugar ele quer chegar?) Aonde você vai? (a que lugar você vai?)

Dayllana: Com certeza eles são muito decisivos, o que eu questiono é que talvez os erros ortográficos sejam erros de base. li o manual de redação e estilo, inclusive o utilizei para alguns trabalhos como base. mas as universidades não demonstram tanta preocupação com a parte do conteúdo. muitos professores se prendem ao fato de o aluno escrever 30 linhas e isso auxilia, claro! mas a maioria deles não desperta no aluno a ideia de que a leitura não se restringe ao conhecimento de mundo mas quem lê bem também é capaz de escrever bem...

Eduardo Martins: Dayllana: a leitura é condição essencial para escrever bem, e me admiro Às vezes pelo fato de as escolas não insistirem nesse ponto. Você pode conhecer português a fundo, mas, se não tiver lido bastante, poderá ter uma redação correta, mas pouco criativa ou atraente.

Pascuale: Professor, qual a maneira mais eficaz de melhorar meu português e minha forma de escrever?

Eduardo Martins: Prezado Pascuale: para melhorar o português e a forma de escrever, você precisa ler bons livros e consultar alguns manuais ou livros de dicas sobre o que é adequado ou não na língua portuguesa. Um exemplo: o livro “Não Erre Mais”, do prof. Luiz Antonio Sacconi, e as colunas de jornais, como as do prof. Pasquale e (desculpe a modéstia) a que escrevo todo sábado no “Estadinho”

Sr. Creisson: O Sr. já encontrou muitos erros de português em capas de jornais e revistas?

Eduardo Martins: Sr. Creyson: erros de português em capas de jornais e revistas são raros, mas existem. Há algum tempo a “Veja” escreveu na capa a palavra “moto-serra”, assim, quando o correio é “motosserra”, e choveram cartas para a redação da revista.

Gramática: E essa mania do gerúndio? Vou estar enviando o documento...
Eduardo Martins: Gramática: Essa mania do gerúndio é uma praga maior que o “a nível de”. Deve-se dizer “vou enviar o documento” e não “vou estar enviando o documento”, deve-se dizer “o artista chegará segunda-feira” e não “o artista vai estar chegando segunda-feira”. Ã? modismo que se deve condenar com toda a força.

curiosa: Por favor, reforçando a pergunta de uma colega, o correio é : vou trabalhar próximo a você ou proximamente? ou nenhum dos dois?

Eduardo Martins: Curiosa: O certo é vou trabalhar próximo a você, está-se definindo um lugar. Proximamente pode-se usar, p. ex., para tempo: proximamente vou trabalhar perto de você. Mas repare que é um uso meio forçado.

astley: O sr. acha que os estudantes de jornalismo tem problemas com a língua portuguesa?

Eduardo Martins: Astley: os estudantes de jornalismo têm problemas com a língua portuguesa. Na minha opinião, o curso de jornalismo deveria dar uma revisão completa de português aos alunos, durante os quatro anos de duração do curso. Como eu já disse antes: menos técnica e melhor redação.

dayllana: o que vc acredita que falta no ensino brasileiro quanto ao português?

Eduardo Martins: Dayllana: acho que falta ensinar coisas práticas ao aluno, a língua que está no dia-a-dia de todos nós, nos jornais, nas revistas. Acho que se ensina muita teoria, muita nomenclatura, que todo mundo esquece, e não se procura esclarecer dúvidas como as que vocês estão manifestando aqui, que são problemas práticos e do cotidiano de todos nós.

Zeca: Eduardo, fugindo um pouco do tema proposto: Qual sua opinião sobre a obrigatoriedade ou não do diploma para os jornalistas?

Eduardo Martins: Zeca: o diploma é importante como instrumento de defesa da profissão. Mas não é indispensável, na minha opinião. Não tenho diploma de jornalista e ocupei quase todos os cargos de chefia na Redação do Estado. Conheço grandes jornalistas (Mino Carta, Alberto Dines e outros) que não têm diploma e nem por isso deixam de ser craques na profissão. Se você souber escrever bem, poderá aprender a técnica de fazer jornal na própria redação. Isso justifica até, a meu ver, a revisão do currículo das escolas de jornalismo.

Solid Snake: Professor, durante uma aula na faculdade (faço jornalismo), o professor levantou uma discussão sobre o ensino da norma culta nas escolas. Segundo ele, alguns acadêmicos têm discutido o que se deve ensinar no ensino fundamental, a gramática normativa ou a gramática do dia-a-dia, uma vez que, teoricamente, as normas da língua culta dificultam o aprendizado. O que o senhor pensa a respeito?

Eduardo Martins: Solid Snake: todos nós precisamos saber a norma culta. O texto jornalístico mistura a linguagem coloquial e a norma culta, mas usa mais a norma culta. Portanto, as escolas deveriam ensinar a norma culta e mostrar os casos em que ela diverge da linguagem coloquial. Mas também é uma observação que cabe a todos nós fazer.

alexandre: Mas o problema não é só com os estudantes de jornalismo, não é mesmo? A maior parte dos cursos universitários não deixam de lado a questão da redação?

Eduardo Martins: Alexandre: hoje a redação é obrigatória, pelo que sei, em todo vestibular. Por isso, quem pretende passar no vestibular de medicina também precisa saber escrever. Se ele já tiver esse conhecimento suficiente, não vejo necessidade de manter o curso de redação na Faculdade de Medicina (ou de Engenharia). Mas em Letras, História, Jornalismo, etc., eu não abriria mão do curso de língua portuguesa

dayllana: Alexandre: O problema não ocorre somente com estudantes de jornalismo, como eu já falei, acredito que isso é um problema de base. A escola emprega uma norma culta enquanto na realidade, o que vemos são gírias, estrangeirismos.... ou seja, a escola não trabalha a realidade social.

Moderador Universia: Dentro de alguns instantes, encerraremos o Chat Universia de hoje. Por favor, encaminhem suas últimas perguntas

Zeca: Além da sua obra, tem algum outro livro que o senhor recomenda aos estudantes de jornalismo?

Eduardo Martins: Zeca: seria falta de modéstia eu recomendar os meus livros. Mas há outros Manuais de Redação (como os da Folha e do Globo) e também o Ricardo Noblat lançou há pouco um livro excelente sobre jornalismo, que recomendo (desculpe, mas esqueci o título do livro). Os livros do Alberto Dines, Clóvis Rossi, Ricardo Kotscho, Lourival Sant’Anna e José Maria Mayrink também são excelentes contribuições para quem quer conhecer a profissão e escrever melhor.

Silveira: Qual a sua opinião sobre os corretores ortográficos ? E os corretores gramaticais ?

Eduardo Martins: Silveira: os corretores ortográficos são excelentes instrumentos para evitar os erros de grafia, falta de acento nas palavras, para fugir de formas verbais erradas (p. ex., o corretor informa que o certo é “interveio” e não “interview”). Acho todos recomendáveis, por mais incompletos que sejam. Quanto aos corretores gramaticais, existe um no Word 2000, que funciona em alguns casos e em outros, não. Acho que estes ainda precisam ser aperfeiçoados.

Gramática: Qual foi o último livro que o senhor leu? e o que autor recomenda para se ter uma redação criativa e atraente?

Eduardo Martins: O último livro que eu li foi o do Rubem Fonseca, “Diário de um Fescenino”. Alguns autores que recomendo: LUIS Fernando Veríssimo, Rubem Fonseca, Lygia Fagundes Telles, João Ubaldo Ribeiro, Rachel de Queiroz. Todos eles têm romances ou livros de contos e de crônicas. Crônicas são um exemplo excelente de redação: você aprende a ser conciso e preciso.

Eduardo Martins: Bem, meus caros, sinto muito ter deixado perguntas pendentes. Tentei responder à maioria delas e espero ter dado alguma contribuição positiva a respeito desta nossa tão maltratada língua portuguesa e desta profissão, que é encantadora, mas exige muito de nós. E talvez por isso ela seja encantadora. Abraços a todos e espero que nos encontremos de novo muito em breve.

Moderador Universia: Encerramos agora o Chat Universia de hoje. Muito obrigado pela participação de todos e até a próxima.

Artigos do Jornalista Eduardo Martins

01. PORQUE E PORQUÊ

SÁBADO, 27 DE DEZEMBRO DE 2003

em palavra

Eduardo Martins

De Palavra

Acento faz diferença em *porque* e *porquê*

Concluimos hoje a série, iniciada no dia 13, sobre o uso das formas **por que**, **por quê**, **porque** e **porquê**:

3) **Porque**.
 Junto e sem acento:
 a) Introduce uma explicação (equivale a **pois** ou **uma vez que**): *O funcionário chegou atrasado **porque** (pois) havia perdido o trem. / O jogo ficou para amanhã **porque** (uma vez que) choveu muito hoje. / Foi-lo **porque** (uma vez que, pois) o quis.*
 b) Aparece também nas perguntas em que se sugere uma resposta: *O funcionário chegou atrasado **porque** havia perdido o trem? / O jogo ficou para amanhã **porque** choveu muito hoje?*

4) **Porquê**.
 Com acento e numa palavra só: **Substitui** (e não apenas **equivale a**) **motivo, razão, causa e pergunta**: *Ninguém sabia o **porquê** (motivo) da sua atitude. / Os funcionários aguardavam explicações sobre os **porquês** (razões, causas) da decisão. / É uma criança cheia de **porquês** (perguntas).*
 Como se vê, a regra prática de que "se usa **por que**, separado, nas perguntas e **porque** junto nas respostas, é falha: existe **por que** separado em orações sem ponto de interrogação (interrogativas indiretas) e **porque**, junto, em orações com ponto de interrogação.

Eduardo Martins é jornalista, autor do *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo* e de uma série de seis *Resumões* de língua portuguesa

SÁBADO, 4 DE SETEMBRO DE 2004

ESTADINHO

O ESTADO DE S. PAULO - P7

em palavra

Eduardo Martins

De Palavra “Ouviram do Ipiranga” ... Quem ouviu?

Quando começa a cantar o *Hino Nacional*, você já parou para pensar nas três primeiras palavras dessa canção patriótica? Afinal, a quem se refere a frase “*ouviram do Ipiranga*”?

Durante muito tempo, houve quem defendesse a tese de que a flexão verbal “*ouviram*” indicava uma indeterminação, ou seja, não se nomeava o agente da ação verbal.

Como se fosse: “*Disseram* que ela não vem hoje.” Repare que não se explica a que pessoa ou pessoas o *disseram* se refere. Igualmente: “*Tocaram* a campainha.” Depois é que se vai ver quem fez a campainha soar.

Esse conceito, aplicado ao *Hino*, resultava nesta estrutura vocabular:

“*Ouviram* do Ipiranga às margens plácidas...” Isto é, não se explicava quem ouviu alguma coisa “às margens plácidas do Ipiranga”, à beira do riacho.

As interpretações mais recentes, porém, transformam “às margens plácidas do Ipiranga” no sujeito da oração, no termo a que o verbo se refere. Colocando-se as palavras iniciais do hino na ordem direta, fica: “As margens plácidas do Ipiranga ouviram o brado retumbante de um povo heróico...”

Esse uso da ordem indireta era comum no começo do século passado, quando Joaquim Osório Duque Estrada criou os versos depois oficializados como a letra do *Hino*. Não se pode negar, no entanto, que

esse deslocamento das palavras da sua posição real em muitos casos dificulta o entendimento do sentido das frases.

Veja mais um exemplo: “Do que a terra mais garrida, teus risonhos, lindos campos têm mais flores.” Na ordem direta, a frase toma-se bem mais clara: “Teus risonhos, lindos campos têm mais flores do que a terra mais garrida.”

É conveniente também compreender o que se canta. Por isso, você sabe o que é uma *terra garrida*? É uma terra que tem graça, que atrai a atenção. E o *impávido colosso*? É um colosso destemido. Mas o que ressalta no *Hino* é o grande número de palavras ligadas à noção de brilho, de magnificência, como *fúlgidos*, *resplandeco*, *vívido*, *florão*, *fúlguras*, etc. Bem de acordo com a idéia de esplendor comum na época.

Eduardo Martins é jornalista, autor do *Manual de Redação e Estilo* de O Estado de S. Paulo e de uma série de seis *Resumões* de língua portuguesa

03. GRATUITO X GRATUITO?

em palavra

Eduardo Martins

De Palavra

Horário político é *gratuito*, e não “*gratuito*”

Quem consegue assistir ao horário gratuito na televisão e no rádio pode comprovar, sem grande dificuldade, que a língua portuguesa não é o forte de boa parte dos candidatos a prefeito e a vereador. Se são hábeis em fazer promessas, não ostentam idêntica desenvoltura no trato do idioma.

Assim, são raros os que enunciam corretamente a palavra **gratuito**. Na maior parte das vezes, o que se ouve é o candidato defender o transporte “*gra-tu-f-to*” ou afirmar que as pessoas carentes devem viajar “*gratuitamente*” nos ônibus e lotações.

Vamos deixar claro: não existem as pronúncias “*gratuito*” nem “*gratuitamente*”, mas apenas

“*gra-tú-i-to*” e “*gra-tú-i-tamente*”. Da mesma forma, nunca se deve dizer que um filme está em exibição no “*circúito*” tal, mas no “*circúito*” tal. Igualmente, o problema elétrico é um “*curto-circúito*”. Outras duas palavras com a mesma terminação são “*fortúito*” e não “*fortuito*” e “*intúito*” e não “*intuito*”.

Evite também errar na pronúncia de “*flúido*”. Assim, diga “*flúido de isqueiro*”, “*flúido para freios*”, e nunca “*fluído de isqueiro*” nem “*fluído para freios*”. **Fluído** é apenas participípio do verbo **fluir**: *O trânsito tinha fluído facilmente.*

(O acento nas palavras entre aspas não existe e serve apenas para mostrar a pronúncia correta.)

Eduardo Martins é jornalista, autor do *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo* e de uma série de seis *Resumões* de língua portuguesa

Sábado, 25 de set/200x

04. NO OU NA?

De Palavra

ESTADINHO | P3

O ESTADO DE S. PAULO
SÁBADO, 23 DE OUTUBRO DE 2004

em palavra

É “no” ou “na” Grande São Paulo?

O ABC é uma região industrial situada no Grande São Paulo ou **na** Grande São Paulo? O ABC fica **na** Grande São Paulo. A razão é que, antes de São Paulo, está subentendida a palavra cidade. Assim, quando se diz **a** Grande São Paulo, é como se fosse “**a** Grande Cidade de São Paulo”. Da mesma forma, **a** Grande Porto Alegre, **a** Grande Belo Horizonte, **a** Grande Nova York. Deve-se usar **o** no lugar de **a** apenas quando o nome da cidade for precedido de artigo masculino, como em **o** Grande Rio, **o**

Grande Recife, **o** Grande Porto, **o** Grande Cairo.

■ **Aparecida.** No dia 12, milhares deromeiros foram a Aparecida para a festa da Padroeira do Brasil. Repare na denominação correta: Aparecida. A forma “Aparecida do Norte”, muito usada popularmente, não existe. Ela era dada pelos visitantes da cidade pelo fato de os trilhos da antiga Central do Brasil correrem para o Norte. Por essa razão a estação de trens de São Paulo também era conhecida como Estação do Norte.

Eduardo Martins é jornalista, autor do *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*, do livro *Com Todas as Letras – O Português Simplificado* e de uma série de seis Resumos de língua portuguesa

05. "ESTE" PRONOME

EDUARDO MARTINS
em palavra

Estadinho,
16/07/2005

De Palavra

“Este” indica lugar ou tempo próximo

A leitora Lia de Almeida, do Pacaembu, em São Paulo, pede explicações sobre o uso de **este** e **esse**, uma dúvida muito comum de quem se preocupa em falar ou escrever bem.

Este indica a pessoa ou coisa próxima de quem fala: *Este é o meu carro* (estou ao lado ou dentro dele). / *Gosto mais desta cadeira* (a que está junto a mim).

Da mesma forma: *este livro* (é o que estou segurando), *este jornal* (é o que estou lendo), *esta página* (é a que estou exibindo), *esta empresa* (é aquela na qual trabalho), *este amigo* (é o que está do meu lado).

A palavra determina ainda o lugar em que alguém está ou vive: *esta casa, esta vila, esta cidade, este país* (o nosso).

Deve-se também empregar **este** para designar o período em que se está ou a vigência de alguma coisa: *este ano* (o ano em que estamos), *esta noite* (a noite de hoje), *esta semana* (a semana atual), *esta manhã* (a manhã em que estamos), *este século* (o 21), *este momento* (o de agora), *este governo* (o que temos), *este dia* (o de hoje), etc.

Para maior facilidade, associe a idéia de **este** à de **está**.

(Continua na próxima coluna.)

Eduardo Martins é jornalista, autor do *Manual de Redação e Estilo* de O Estado de S. Paulo, do livro *Com Todas as Letras - O Português Simplificado*, lançados pela Editora Moderna, e de uma série de seis Resumões de língua portuguesa, editados pela Barros & Fischer Associados

06. RECORDE, CONDOR E RUIM

em palavra

EDUARDO MARTINS

Estadinho, 07/01/06

De Palavra

Como dizer recorde, condor e ruim?

Quem ouve o noticiário do rádio e da TV sabe que não existe pronúncia uniforme para uma palavra muito comum no nosso dia-a-dia. Afinal: "ré-corde" ou "re-cór-de"?

A forma registrada pelos dicionários da língua portuguesa é "re-cór-de", ou seja, a sílaba mais forte é a do meio, e não a primeira. Em inglês é que se pronuncia "ré-cord", e não em português. Outra influência estrangeira se manifesta também no nome de uma ave dos Andes. No nosso idioma, não há dúvida: é "con-dôr". Por que, então,

muita gente diz "côn-dor"? Por causa da pronúncia da palavra em espanhol e em inglês, que soa como "côn-dor". Entre nós, porém, procure chamar a ave de "con-dôr".

Lembre-se ainda de evitar um desvio muito comum na linguagem popular. Classifique alguma coisa sempre de "ru-ím" e não de "rúim". Essa forma, "ru-ím" (rima com *enfim*), é também a que os dicionários recomendam.

(**Explicação:** os acentos nessas palavras não existem e foram usados apenas para indicar a sílaba mais forte.)

Eduardo Martins é jornalista, autor do *Manual de Redação e Estilo* de O Estado de S. Paulo, do livro *Com Todas as Letras - O Português Simplificado*, lançados pela Editora Moderna, e de uma série de seis Resumões de língua portuguesa, editados pela Barros & Fischer Associados

07. SEU TIME EMPATOU

em palavra EDUARDO MARTINS

De Palavra

Evite pisar na bola no futebol

Quando um time empata com outro, como você define o resultado do jogo: O Palmeiras empatou com o Atlético Paranaense por 0 a 0 / O Palmeiras empatou com o Atlético Paranaense em 0 a 0? Diga sempre que as duas equipes empataram por 0 a 0 e nunca que empataram "em" 0 a 0. Repare: se um time ganha de outro por 2 a 1, por exemplo, ou perde de outro por 2 a 1, por que ele iria empatar "em" 0 a 0? Essa, porém, é apenas uma das distorções presentes no noticiário de futebol.

Veja mais alguns vícios da

cobertura desse esporte e evite influenciar-se por eles:

Contratado junto a. A locução junto a tem sentido físico apenas: O filho estava junto ao pai. / Os dois estavam junto ao muro. Para indicar que um jogador foi contratado, use a preposição de: O Santos contratou do Vasco o atacante Edmundo. Junto a, em nenhuma hipótese. Manter "o mesmo" time. É uma das redundâncias mais comuns no futebol. Como não se pode "manter outro", basta dizer que o técnico vai manter o time que estreou no campeonato.

Eduardo Martins é jornalista, autor do *Manual de Redação e Estilo* de O Estado de S. Paulo, do livro *Com Todas as Letras - O Português Simplificado*, lançados pela Editora Moderna, e de uma série de seis Resumões de língua portuguesa, editados pela Barros & Fischer Associados

Sábado, 18/02/2006

08. NOVOS ÓCULOS E VELHOS PATINS

Es4 | ESTADINHO | SÁBADO, 28 DE JANEIRO DE 2006
O ESTADO DE S. PAULO

EDUARDO MARTINS
em palavra

De Palavra

Os novos óculos e os velhos patins

Assim como os *ciúmes*, os *juros* e os *parabéns*, de que já tratamos nas colunas anteriores, aqui está mais uma palavra que causa problemas. Como devo dizer: **meu óculos** ou **meus óculos**?

O adequado é também falar nos *meus óculos*. Por exemplo: *Alguém viu os meus óculos?* *Preciso de novos óculos* e não de "novo óculos". Ele quebrou os *óculos* e não "o óculos". Da mesma forma: *dois óculos*, *estes óculos*, *nossos óculos*, *uns óculos* e não "um óculos".

Agora, se você gosta de mostrar sua classe ao deslizar

nas pistas, não se esqueça de usar adequadamente **os seus patins** (e nunca "o seu patins"). Basta lembrar que cada calçado é **um patim**. Os dois juntos, portanto, são **os patins**: *meus patins*, *nossos patins*.

Não são só os *parabéns* que devemos empregar no plural. O mesmo ocorre com outras formas de cumprimento. Assim, se você já desejou *boas-festas* e *boas entradas* há pouco aos amigos, dê a eles agora *as suas felicitações*, *as suas saudações*, *os seus cumprimentos* e, claro, *as boas vindas* a todos.

Eduardo Martins é jornalista, autor do *Manual de Redação e Estilo* de O Estado de S. Paulo, do livro *Com Todas as Letras - O Português Simplificado*, lançados pela Editora Moderna, e de uma série de seis Resumões de língua portuguesa, editados pela Barros & Fischer Associados

09. ESCOLAS DE SAMBA

em palavra EDUARDO MARTINS

De Palavra

Mestres do samba criaram as escolas

De hoje até terça-feira, milhões de pessoas vão assistir, pela televisão, ao desfile das escolas de samba do Rio e de São Paulo. Você tem idéia da razão que levou essas grandes agremiações a serem chamadas de escolas de samba?

O nome escola vem dos mestres do samba, que em 1928 fundaram no Rio a sociedade carnavalesca Deixa Falar. Até então só blocos e ranchos saíam às ruas no carnaval.

A versão mais provável liga a origem da denominação ao

compositor Ismael Silva. No Estácio, bairro-sede da Deixa Falar e tradicional reduto do samba no Rio, ficava também a Escola Normal, que formava professores.

Os sambistas liderados por Ismael Silva fizeram a analogia: se os professores ensinavam os alunos, eles também eram mestres, só que no samba.

O primeiro desfile do gênero foi em 1932, na Praça Onze (até hoje um símbolo do samba), e a Mangueira famosa se tornou a campeã dos três primeiros desfiles.

Eduardo Martins é jornalista, autor do *Manual de Redação e Estilo* de O Estado de S. Paulo, do livro *Com Todas as Letras - O Português Simplificado*, lançados pela Editora Moderna, e de uma série de seis Resumões de língua portuguesa, editados pela Barros & Fischer Associados

25/02/2006

10. PANDEMIA? EPIDEMIA?

SÁBADO, 11 DE MARÇO DE 2006
O ESTADO DE S. PAULO

ESTADINHO | Es3

em palavra

EDUARDO MARTINS

De Palavra

Pandemia, pior que epidemia

Cada vez mais a imprensa fala em **pandemia** para classificar o risco que a gripe das aves traz à humanidade.

Seria a mesma coisa que **epidemia**? Pior: é muito mais grave.

Pandemia é palavra formada pela soma de **pan** com **demia**. **Pan** equivale a tudo, todos. *Pan-Americanos*, por exemplo, são jogos que reúnem **todos** os países da América.

Em **pandemia**, **pan** se junta a **demia**, que, por sua vez, é o resultado da fusão de **demos** (povo, lugar) mais **ia** (terminação que indica doença). Então, **pandemia** é a

“doença que atinge o mundo todo”.

Já **epidemia** vem de **epi** + **demia** (**epi** = em cima, sobre).

Epidemia equivale a “doença que ataca um país ou uma região”.

Como se vê, então, a **pandemia** afeta o mundo inteiro, enquanto **epidemia**, apesar de muito grave também, se limita a uma região ou país.

Mas não terminou: existe também **endemia** (**en** + **demia** = doença própria de um povo, de um lugar). Assim, uma doença endêmica atinge uma região permanentemente.

Eduardo Martins é jornalista, autor do *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*, do livro *Com Todas as Letras - O Português Simplificado*, lançados pela Editora Moderna, e de uma série de seis *Resumões* de língua portuguesa, editados pela Barros & Fischer Associados

11. MAIS PORQUÊS...

EDUARDO MARTINS
em palavra

De Palavra

Veja como usar os vários “porquês”

Quem nunca ficou indeciso sobre quando usar as formas **por que**, **por quê**, **porque** e **porquê**? Começamos hoje a explicar a forma de identificar cada um dos casos.

1) **POR QUE**. O **por que** aparece em três situações:

a) Quando estão **claras** ou **subentendidas** as palavras **motivo**, **causa**, **razão**, independentemente de haver interrogação ou não na frase: **Por que** (motivo) *você não foi à festa?* / **Por que** *razão há tanta violência nas ruas?* / **Não sei por que** (razão) *ele adiou a viagem.* / **Ele não disse por que**

(motivo) *pretendia sair cedo.*

Nos dois últimos exemplos, é como se houvesse uma pergunta indireta: **Por que** *ele adiou a viagem?* / **Ele disse por que** *pretendia sair cedo?*

Esse é também o **por que** dos títulos de jornais e revistas que insinuam uma explicação: **Por que** (motivo) *o mundo vive em guerra.* / **Por Que** (causa) *Construí Brasília* (livro de Juscelino Kubitschek).

b) Quando equivale a **para que**: **Estavam ansiosos por que** (para que) *ela voltasse.*

(A próxima coluna explicará o item c).

Eduardo Martins é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo* de O Estado de S. Paulo, *Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hifen* (Editora Manole), além de 6 Resumões de língua portuguesa, editados pela Bafisa

Salvador - 13/maio/2006

12. POR QUÊ?

SÁBADO, 27 DE MAIO DE 2006
ESTADO DE S. PAULO

ESTADINHO | Es7

em palavra

EDUARDO MARTINS

De Palavra

“Porque” e “porquê” dão explicações

Concluímos hoje a série, iniciada dia 13, sobre o uso das formas **por que**, **por quê**, **porque** e **porquê**:

3) **PORQUE**. Introduz uma explicação (equivale a **uma vez que, pois**): *O ônibus chegou atrasado **porque** (pois) havia muito trânsito na rua. / O jogo foi adiado **porque** (uma vez que) **choveu** muito hoje. / **Fi-lo porque** (uma vez que) **o quis**.*

O **porque** aparece ainda nas perguntas em que se sugere uma resposta: *O ônibus chegou atrasado **porque** havia muito trânsito na rua? / O jogo foi adiado **porque** **choveu** muito?*

3) **PORQUÊ**. Com acento, substitui (e não apenas equivale a) as palavras **motivo**, **razão**, **causa** e **pergunta**: *Ninguém sabia o **porquê** (motivo) do seu ato. / Todos aguardavam explicações sobre os **porquês** (razões, causas) da decisão. / É uma criança cheia de **porquês** (perguntas).*

Como se vê, a regra de que “se usa **por que**, separado, nas perguntas e **porque**, junto, nas respostas”, é falha: existe **por que** em orações sem ponto de interrogação (interrogativas indiretas) e **porque** em orações com ponto de interrogação.

Eduardo Martins é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo* de O Estado de S. Paulo, *Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hífen* (Editora Manole), além de 6 Resumões de língua portuguesa, editados pela Bafisa

13. COPA DO MUNDO

em palavra

EDUARDO MARTINS

ESTADINHO | Es3

SÁBADO, 3 DE JUNHO DE 2006
O ESTADO DE S. PAULO

De Palavra

A Taça que a Fifa chamou de Copa

A partir de segunda-feira, com a interrupção dos campeonatos nacionais de futebol, um único assunto vai dominar o noticiário esportivo: a Copa do Mundo, que o Brasil tentará ganhar pela sexta vez.

Mas por que Copa do Mundo, e não Campeonato Mundial de Futebol, por exemplo? Em 1928, a Fifa decidiu organizar, “a cada quatro anos, a começar de 1930, uma competição denominada Copa do Mundo”.

O nome **Copa** tem origem no latim, língua na qual *cuppa* significa cuba ou tonel. No

português arcaico, porém, já havia adquirido o significado de taça ou copo com pé.

Com o decorrer dos anos, esse sentido desapareceu em português e prevaleceu a palavra **taça**. Em espanhol, porém, **taça é copa**, o que levou o termo a se impor na América para designar todo torneio desse tipo (*Copa Libertadores da América, Copa América, etc.*).

Como nessas disputas o prêmio em geral é uma taça, e a palavra é semelhante em outras línguas: *coppa* (italiano), *coupe* (francês), *cup* (inglês).

Eduardo Martins é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*, *Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hifen* (Editora Manole), além de 6 Resumões de língua portuguesa, editados pela Bafisa

14. ONDE ANDA O AONDE?

em palavra

EDUARDO MARTINS

SÁBADO, 29 DE JULHO DE 2006
O ESTADO DE S. PAULO

ESTADINHO | Es3

De Palavra

É melhor dizer 'não sei onde ele está'

Se alguém perguntar por um colega seu e você não souber o seu paradeiro, o recomendável é responder: *Não sei onde ele está*.

Onde deve ser empregado com verbos que indicam permanência, situação estática. Por isso: *Não sei onde ele está*. **Estar** é um verbo que designa **permanência**.

Veja outros exemplos em que se tem uma situação **estática**: *Ele não disse onde trabalha*. / *Onde vamos esperá-lo?* / *Não sabia onde havia colocado o sapato*.

Repare: não se pratica nenhum

tipo de movimento.

Apenas quando o verbo expressa **deslocamento**, **movimento**, se deve recorrer ao **aonde**. A palavra, formada por **a + onde**, equivale a *para que lugar* ou *a que lugar*: *Não sei aonde ele foi* (*Não sei para que lugar ele foi*). / *Todos sabiam aonde ele queria chegar* (*a que lugar ele queria chegar*).

Para **ir a** ou **chegar a** algum lugar, a pessoa se desloca, se movimenta.

OBSERVAÇÃO FINAL. **Onde** é a forma que aparece na maior parte dos casos.

Eduardo Martins é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*, *Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hifen* (Editora Manole), além de 6 Resumões de língua portuguesa, editados pela Bafisa

15. EMPRESTAR ALGO

EDUARDO MARTINS

em palavra

ESTADINHO | Es3
SÁBADO, 5 DE AGOSTO DE 2006
O ESTADO DE S. PAULO

De Palavra

Evite 'emprestar' algo 'de' alguém

Quando quer conseguir alguma coisa por empréstimo, você diz que vai *emprestar* essa coisa de alguém? Por exemplo: *Eu emprestei a bicicleta do meu amigo?*

Se você escreve ou fala dessa forma, tente mudar: **emprestar**, na linguagem formal, significa apenas ceder por empréstimo. Assim: *Emprestou o computador ao amigo*. Ou seja, cedeu o computador por empréstimo ao amigo. Da mesma forma: *Não emprestava seu carro nem ao irmão. / Os agiotas emprestam dinheiro a juros*

muito elevados.

No sentido de **pedir** ou **tomar emprestado**, são estas expressões que se devem empregar, em vez de **emprestar de**. Portanto: *Pediu emprestado o carro do amigo* (e não *emprestou o carro do amigo*). / *Tomou emprestados do pai 2 mil reais* (e não *emprestou do pai 2 mil reais*). Repare ainda que **emprestado** varia conforme o termo ou expressão a que se refere: *Pediu emprestados* (e não *emprestado*) *dois livros*. / *Pediu emprestada* a moto do pai.

Eduardo Martins é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*, *Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hífen* (Editora Manole), além de 6 Resumões de língua portuguesa, editados pela Bafisa

16. PREFIRA...

em palavra

EDUARDO MARTINS

ESTADINHO | Es3

SÁBADO, 12 DE AGOSTO DE 2006
ESTADO DE S. PAULO

De Palavra

Prefira dizer “vai fazer” a “irá fazer”

Se você estiver em dúvida, lembre-se: são as formas do presente do indicativo do verbo **ir** que se devem usar ao lado de um verbo **no infinitivo**. O infinitivo é a forma pura do verbo, terminada em **ar**, **er** e **ir**.

Por isso, em vez de eles *“irão comparecer”* à festa, prefira dizer e escrever *eles vão comparecer* à festa. Igualmente: *O técnico vai reformular o elenco do clube* (e não: *O técnico “irá reformular” o elenco do clube.* / *Todos nós vamos iniciar amanhã as aulas de*

ginástica (e não: *Todos nós “iremos iniciar” amanhã...*).

O futuro com o verbo **ir** como auxiliar (*vamos fazer*, em vez de *faremos*) serve para substituir o futuro simples (*irá, fará, dirá, chegará*), que muitos consideram rebuscado ou desagradável ao ouvido.

Acontece que *“irá comparecer”*, *“irá reformular”* e *“iremos iniciar”* são futuro simples, do mesmo modo, equivalendo a *comparecerá*, *reformulará* e *iniciará*, exatamente as construções que se querem evitar.

Eduardo Martins é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*, *Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hífen* (Editora Manole), além de 6 Resumões de língua portuguesa, editados pela Bafisa

17. AGRADECER

em palavra EDUARDO MARTINS

SÁBADO, 4 DE NOVEMBRO DE 2006 O ESTADO DE S. PAULO ESTADINHO | Es3

O presidente agradece “aos” eleitores

O presidente reeleito do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, fez questão de agradecer, na terça-feira, aos 120 milhões de eleitores que compareceram às urnas domingo. É isso mesmo, ele agradece aos eleitores? Ou agradece os eleitores?

A declaração está correta: ele agradece aos eleitores. O verbo pode ser usado de mais de uma forma, e por isso exige atenção especial:

a) **Agradecer alguma coisa** (mostrar-se grato por): *O presidente eleito agradeceu os mais de 58 milhões de*

votos que teve. / *O menino agradeceu o presente recebido.*

b) **Agradecer a alguém** (expressar gratidão): *O presidente Lula agradeceu aos 120 milhões de eleitores. / Ele agradeceu aos que votaram nele.*

c) **Agradecer alguma coisa a alguém** (demonstrar gratidão): *O presidente eleito agradeceu ao povo a votação recebida. / O menino agradeceu o favor ao amigo.*

d) **Agradecer**, apenas (mostrar gratidão): *Ganhou o presente e nem agradeceu.*

Eduardo Martins é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*, *Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hífen* (Editora Manole), além de 6 Resumões de língua portuguesa, editados pela Bafisa

De Palavra

18. NESTE X NESSE

EDUARDO MARTINS
em palavra

SÁBADO, 9 DE DEZEMBRO DE 2006
O ESTADO DE S. PAULO

ESTADINHO | Es3

De Palavra

Será que é adequado falar “nesse” Natal?

Não é, se a referência for ao Natal que se aproxima.

Por isso, não se deixe impressionar por anúncios como: “*Nesse Natal*”, não se esqueça de quem você ama. O recomendável, no caso, é dizer “*nesse Natal*”.

Este indica alguma coisa próxima de mim: *Pegue este livro* (é o que está comigo). / *Não gosto desta cadeira* (é aquela em que estou sentado).

Esse, por sua vez, designa alguma coisa próxima da pessoa com quem eu converso: *Abra essa porta.* /

Traga essa cadeira para cá. A porta e a cadeira estão perto do meu interlocutor.

Na referência a **tempo** ou **ação presente**, **este** assinala o momento em que se está (relacione **este** com **está**): **nesse Natal** (o que se festeja este mês), **este ano** (2006), **este século** (o século 21), **este jornal** (o que estou lendo).

Em casos semelhantes, **esse** caracteriza apenas uma segunda referência: *Passei no litoral o Natal do ano 2000. Nesse Natal... Nesse* revela, então, a segunda menção a um fato (o Natal de 2000). ●

Eduardo Martins é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo* de O Estado de S. Paulo, *Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hífen* (Editora Manole), além de 6 Resumões de língua portuguesa, editados pela Bafisa

19. TODA CIDADE OU TODA A CIDADE?

em palavra

EDUARDO MARTINS

SÁBADO, 16 DE DEZEMBRO DE 2006 | O ESTADO DE S. PAULO

ESTADINHO | Es3

De Palavra

Natal em 'toda cidade' ou 'toda a cidade'?

Veja se você nota alguma diferença entre estas duas frases: *Toda cidade vai festejar o Natal.* / *Toda a cidade vai festejar o Natal.*

A diferença é a presença ou não do artigo a depois de **toda**.

Sem artigo antes de um substantivo, **todo** equivale a cada, qualquer: *Toda cidade vai festejar o Natal* (isto é, cada cidade vai festejar o Natal). / *Todo jovem tem amigos e colegas* (qualquer jovem). / *Todo homem é mortal* (qualquer homem). / *Trabalhamos todo dia* (cada

dia).

Com artigo, **todo** dá a idéia de inteiro, completo: *Toda a cidade vai festejar o Natal* (a cidade inteira vai festejar o Natal). / *Toda a família* irá à festa (a família completa). / *Trabalhou todo o dia* (o dia inteiro).

• **Importante.** No plural, o artigo é obrigatório, qualquer que seja o sentido: *Todos os homens* são mortais. / *Conhecia todos os países* da América. / *Gostava de destacar todas as boas idéias.* / *Leu todas as revistas* da sala.

Eduardo Martins é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo* de O Estado de S. Paulo, *Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hifen* (Editora Manole), além de 6 Resumões de língua portuguesa, editados pela Bafisa

20. CONFRATERNIZAÇÕES

em palavra

EDUARDO MARTINS

SÁBADO, 30 DE DEZEMBRO DE 2006
O ESTADO DE S. PAULO

ESTADINHO

De Palavra

É hora de 'confraternizar com' os amigos

Segunda-feira é o Dia da Confraternização Universal. Como o próprio nome já diz, trata-se de uma data mais do que adequada para as *peças* *confraternizarem* – e não “se *confraternizarem*” – *umas com as outras*.

O verbo, com esse sentido, equivale a dar demonstrações efusivas de amizade. Como não é pronominal (rejeita o *se*), recomenda-se usá-lo desta forma: *O jogador confraterniza* (e não “*se confraterniza*”) *até com os adversários*. / *O escritor voltou à sua terra e*

confraternizou com os parentes e amigos.

Confraternizar pode dispensar qualquer tipo de complemento, em construções como: *Na família, todos gostavam de confraternizar*.

Formado pelo prefixo *con* (contigüidade, companhia) e *fraternizar*, o verbo deriva do latim *fraterno*. Este adjetivo significa “relativo ao irmão (pelo sangue ou por uma aliança)” e tem, entre seus parentes lingüísticos, vocábulos como *fraternidade*, *fraternal*, *confraternar*, *confraternizante*, etc. •

Eduardo Martins é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*, *Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hifen* (Editora Manole), além de 6 Resumões de língua portuguesa, editados pela Bafisa

21. OS TRÊS REIS MAGOS

EDUARDO MARTINS
SÁBADO, 6 DE JANEIRO DE 2007
O ESTADO DE S. PAULO

em palavra

ESTADINHO

De Palavra

Os magos que não eram feiticeiros

A natureza das simpatias varia: pode ser uma oração, um pedido escrito num pedaço de papel ou a mastigação de três caroços de romã embebidos em vinho tinto. O objetivo é comum: ter sorte, sucesso e saúde no ano que se inicia.

Todos esses atos estão ligados à festa dos Reis Magos, cujo dia se comemora hoje. Seguindo a luz de uma estrela-guia, Gaspar, Melchior e Baltasar foram visitar o Menino Jesus no estábulo de Belém. Eles levaram presentes para José e Maria, e ouro, incenso e mirra para o filho de Deus.

Não se tratava de feiticeiros, no sentido atual da palavra, mas de sábios ou intérpretes de sonhos. Só muitos séculos mais tarde foram chamados de reis.

O costume de festejar esses personagens históricos veio para o Brasil com os colonizadores portugueses, e resistiu ao tempo. Em diversas regiões brasileiras, mas especialmente no Nordeste, são comuns hoje os reisados, autos e folias de Reis. ●

Eduardo Martins é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*, *Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hifen* (Editora Manole), além de 6 Resumões de língua portuguesa, editados pela Bafisa

22. SÓIS

em palavra

EDUARDO MARTINS

SÁBADO, 13 DE JANEIRO DE 2007
O ESTADO DE S. PAULO

ESTADINHO | Es3

De Palavra

Evite o 'Sol' ou o 'sol' do meio-dia?

Se você gosta de ir à praia nesta época de muito calor, vale a pena seguir o conselho dos médicos: tome sol até as 9 ou 10 horas da manhã e depois das 5 da tarde, para evitar o risco de queimaduras.

Você viu que a palavra **Sol** apareceu acima com inicial minúscula? Afinal, como se deve escrever: **tomar sol** ou **tomar Sol**?

Quando se trata do astro propriamente dito, deve-se usar **Sol**, com inicial maiúscula (assim como Terra, Júpiter, Vênus, etc.): **O**

fotógrafo registrou o eclipse do Sol. / Os Estados Unidos já enviaram uma sonda ao Sol.

Se a referência for à luz do Sol, ao lugar iluminado por ele ou aos sentidos figurados da palavra, então a inicial é **minúscula**: *Ficou com o corpo tostado pelo sol. / É prudente evitar o sol do meio-dia/ A casa era bem iluminada pelo sol. / A tela apresentava pintou um sol estilizado.*

E repare neste trecho do Hino Nacional brasileiro: *O sol da liberdade, em raios fúlgidos, brilhou no céu da Pátria. ●*

Eduardo Martins é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*, *Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hifen* (Editora Manole), além de 6 Resumões de língua portuguesa, editados pela Bafisa

23. RISCO DE VIDA

ESTADO DE S. PAULO • Sábado, 27 de Janeiro de 2007 | **estadinho** | 7

DE PALAVRA EM PALAVRA



COM EDUARDO MARTINS

O risco é “de morrer” e não “de viver”?

 Os defensores da expressão **risco de morte**, no lugar de **risco de vida** (ver coluna anterior), alegam que a pessoa “corre o risco de morrer” e não “de viver”. E apontam como argumento o fato de **risco** aparecer em geral associado a fatores negativos, como **risco de acidente** ou **risco de atropelamento**.

Nem sempre, porém: o dicionário *Houais*, ao definir **risco** como “probabilidade de perigo”, alinha **risco de vida** ao lado de **risco de infecção** e **risco de contaminação**.

Outro dicionário, o *Morais Silva*, registra construções idênticas: “**Estar em perigo de vida** – estar em risco de morrer: *O médico diz que o doente está em perigo de vida.*” E acrescenta: “**Com risco ou perigo de vida** – na contingência de morrer.”

Como já se explicou, em **risco de vida**, está implícita a idéia de que “a vida corre risco”, de que “se põe em perigo a vida”. Como se fosse: **risco de (perder a) vida**.

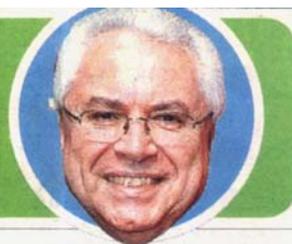
Por isso, continue a falar em **risco de vida**. Apenas quem quiser aderir à moda deve mudar para **risco de morte**. Que tal, porém, adotar uma opção para fugir da polêmica? Basta dizer que a **vida** da pessoa **já não corre risco, já não está em perigo**. ●

EDUARDO MARTINS é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*, *Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hifen* (Editora Manole), além de 6 *Resumos de língua portuguesa*, editados pela Bafisa

24. FAC SÍMILE

O ESTADO DE S. PAULO • Sábado, 10 de Fevereiro de 2007

DE PALAVRA EM PALAVRA



COM EDUARDO MARTINS

“Fax” tem plural? É “xérox” ou “xerox”?



Palavras de outras línguas, quando entram no português, costumam causar dúvidas com relação à grafia e pronúncia. É o caso, só para citar duas, de fax e xerox.

Fax é a redução, em inglês, de *fac simile*. Transposta para o nosso idioma, como deve ser feito o seu plural: os *fax* ou os *faxes*?

O adequado é os *fax*, uma vez que as palavras terminadas em *x* não variam no plural em português (o *tórax*, os *tórax*; a *fênix*, as *fênix*). *Faxes* é o plural em inglês, mas não em português. Com *xerox*, a situação se complica. Para começar: *um* ou *uma xerox*, *um* ou *uma xérox*?

Os dicionários aceitam as duas pronúncias e os dois gêneros para a palavra (*um*

ou *uma xerox*, oxítona, sem acento, e *um* ou *uma xérox*, paroxítona, com acento).

A primeira, *xerox*, segue a tendência atual do português, de tornar oxítonos os vocábulos com *x* final, como *durex*, *relax*, *colorex*, *telex*, etc. A segunda atende à pronúncia inglesa. Portanto, pode-se escrever e falar tanto *um* ou *uma xerox* (“*xeróx*”), *um* ou *uma xérox*. ●

EDUARDO MARTINS é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*, *Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hifen* (Editora Manole), além de *6 Resumões de língua portuguesa*, editados pela Bafisa

25. DECOROU?

O ESTADO DE S. PAULO • Sábado, 17 de Fevereiro de 2007 | **estadinho** | 7

DE PALAVRA EM PALAVRA



COM EDUARDO MARTINS

Você sabe “decor” ou “de cor e salteado”



Para que a folia de carnaval fique completa, convém conhecer a letra de sambas ou marchinhas. Nesse caso, você diria que sabe as músicas “décor”, “decor” ou “de cor e salteado”?

O recomendável é que você conheça as canções de *cor e salteado*. E que também consiga *decorar* as letras.

O que significa *cor*

(pronúncia “cór”) nessa locução? *Cor* vem da forma latina *cor, cordis* (côração).

Para os antigos, o coração era, no corpo humano, o berço dos sentimentos, das emoções, da inteligência e da coragem, como lembra o dicionário *Houaiss*. Por isso, na expressão *de cor, cor* simboliza o centro da memória. O verbo correspondente, *decorar*, se forma pela contração do de

com *cor + ar*.

Cor aparece em outras palavras com o mesmo sentido, como em *cordial, concordar, acordar, discordar* e *recordar* (trazer de volta ao coração). A fusão dos elementos de uma expressão para constituir uma única palavra ocorre também em *porcentagem* (contração de *por cento + agem*), *adentrar* (de *fora a dentro*), *enfrentar* (*em + frente + ar*), etc. ●

EDUARDO MARTINS

é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*, *Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hífen* (Editora Manole), além de *6 Resumos de língua portuguesa*, editados pela Bafisa

26. MAS O QUE TEM DE MAIS SE VOCÊS FOREM TÃO MÁS?

O ESTADO DE S. PAULO • Sábado, 10 de Março de 2007 | **estadinho**

DE PALAVRA EM PALAVRA



COM EDUARDO MARTINS

Veja como distinguir “mas”, “mais” e “más”



Palavras de som idêntico ou muito próximo entre si estão entre os fatores que favorecem as principais dúvidas de grafia na língua portuguesa.

Mas, **mais** e **más**, por exemplo, são algumas delas. Veja, porém, como não se atrapalhar com essas três formas.

A confusão mais comum ocorre entre **mas** e **mais**. **Mas**

é uma palavra (conjunção) que designa restrição, oposição, e pode ser substituída por **porém**, **contudo**, **no entanto**, **entretanto**: *Estudou muito, mas (porém, entretanto) não entrou na faculdade. / É rico, mas (no entanto, contudo) vive modestamente. / A violência preocupa o mundo, mas (porém) é difícil de ser combatida. / Gostava da moça, mas (no entanto) não demonstrava o seu sentimento.*

Mais indica aumento, superioridade, intensidade, e, na maior parte dos casos, é o contrário de **menos**: *Trabalha mais (menos) que o irmão. / Ganha mais (menos) que os colegas. / São Paulo é o Estado mais (menos) progressista da Federação.*

Más, finalmente, é feminino de **maus** e equivale a ruins, perversas: *Eram mulheres muito más (perversas). / Não suportava pessoas más (ruins).*

EDUARDO MARTINS é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*, *Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hifen* (Editora Manole), além de *6 Resumos de língua portuguesa*, editados pela Bafisa

27. HÁ OU A?

ESTADO DE S. PAULO • Sábado, 17 de Março de 2007 | **estadinho** | 7

DE PALAVRA EM PALAVRA



COM EDUARDO MARTINS

Não se confunda e escreva “situado a”



O texto de um portal da internet tratava da visita do presidente Bush ao Brasil e criticou o rigor das medidas de segurança: *Até mesmo uma mulher grávida teve dificuldades para entrar em seu prédio, situado “há” apenas uma quadra do local.*

O há dessa frase mostra mais um dos problemas de grafia que a semelhança de som entre as palavras causa.

Na verdade, em vez de há, do verbo haver, o correto no texto é a presença de a, preposição.

Veja, por isso, como diferenciar as duas formas.

● **Há.** Indica tempo decorrido e pode ser substituído por **faz**: *Ele chegou ao Brasil há (faz) dez anos. / Os assessores trouxeram seus livros há (faz) pouco. / Há (faz) muitos anos que eles foram contratados. / Ele não vem aqui há (faz) meses.*

● **A.** Exprime distância ou tempo futuro, e não pode ser trocado por **faz**: *O torneio começará daqui a (tempo futuro) dois meses. / O carro estava a (distância) 300 km da cidade. / Estavam a (tempo futuro) seis meses da inauguração da nova sede da empresa. / O Rio fica a (distância) 400 km de São Paulo.*

Em nenhum dos casos acima, a equivale a faz. ●

EDUARDO MARTINS é jornalista, autor dos livros **Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo**, **Com Todas as Letras - O Português Simplificado** (ambos da Editora Moderna) e **Uso do Hifen** (Editora Manole), além de **6 Resumos de língua portuguesa**, editados pela Bafisa

28. A OU HÁ?

ESTADO DE S. PAULO • Sábado, 24 de Março de 2007 | **estadinho** | 7

DE PALAVRA EM PALAVRA



COM EDUARDO MARTINS

Com 'menos' e 'mais', outros casos de 'há' e 'a'



Vimos, na coluna anterior, a diferença entre **há**, do verbo haver, e **a**, preposição. **Há** indica passado, tempo decorrido, e equivale a **faz**, enquanto **a** exprime tempo futuro ou distância, e não pode ser substituído por **faz**: *O prédio da escola foi inaugurado há (faz) seis meses. / O artista chegará daqui a (tempo futuro) cinco dias. / O carro*

estava a (distância) 50 quilômetros da cidade.

Um caso especial dessa regra ocorre quando **há** e **a** vêm antes de **menos** e **mais**.

Há menos de e **há mais de** aplicam-se ao passado e o **há** também pode dar lugar a **faz**: *Saiu há (faz) menos de cinco minutos. / Seu filho nasceu há (faz) menos de um ano. / O gerente trabalha há (faz) mais de dez anos na empresa. / O artista chegou ao Brasil há*

(faz) mais de uma semana.

A menos de e **a mais de** designam tempo futuro ou distância: *Estava a (tempo futuro) menos de dez dias da formatura. / Desistiu da corrida a (distância) menos de cinco metros da linha de chegada. / Estava a (tempo futuro) mais de um ano da aposentadoria. / Ficou a (distância) mais de cem metros do palco. (Conclui na próxima semana.)* •

EDUARDO MARTINS é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*, *Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hifen* (Editora Manole), além de 6 Resumos de língua portuguesa, editados pela Bafisa.

29. CERCA DE QUEM?

ESTADO DE S. PAULO • Sábado, 31 de Março de 2007 | **estadinho** | 7

DE PALAVRA EM PALAVRA



COM EDUARDO MARTINS

“Cerca de” pode ser usado com “há” e “a”



Um caso final do uso do **há** (verbo haver) e do **a** (preposição), que vimos nas duas colunas anteriores, ocorre com **há cerca de** e **a cerca de**.

A explicação é a mesma: **há** indica tempo decorrido e **a**, distância ou tempo futuro.

Na primeira locução, aparece **há** (tempo decorrido): *O escritor chegou ao Brasil há (faz) cerca de uma*

semana. / Ela saiu daqui há (faz) cerca de uma hora. É um caso idêntico a: Ele foi promovido há (faz) seis meses. / O artista gravou o primeiro disco há (faz) 20 anos.

A **cerca de** equivale a aproximadamente (para distância ou tempo): *O parque ficava a (distância) cerca de 100 metros da escola. / Estava a (tempo futuro) cerca de 20 dias do casamento.*

Atenção para duas outras

expressões com base na palavra **cerca**: *Acerca* (junto) de equivale a sobre, a respeito de: *O empregado pediu explicações acerca do FGTS. / Fez uma palestra acerca do aquecimento global.*

Cerca de, sem o **a**, significa também aproximadamente, perto de, e só se usa em arredondamentos: *Cerca de 20 mil pessoas assistiram ao show. / Tinha cerca de 20 CDs de Maria Bethânia.*

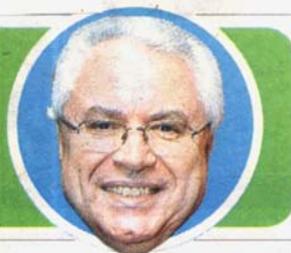
EDUARDO MARTINS

é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*, *Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hifen* (Editora Manole), além de *6 Resumões de língua portuguesa*, editados pela Bafisa

30. SOBRE X SOB

O ESTADO DE S. PAULO • Sábado, 7 de Abril de 2007 | **estadinho** | 7

DE PALAVRA EM
PALAVRA



COM EDUARDO MARTINS

“Sobre” e “sob” só dependem da posição



Temos visto nesta coluna, com muita frequência, as confusões causadas pela existência de palavras de som semelhante, mas significado diferente. Por isso, cabe a pergunta: você sabe com precisão quando deve usar **sob** e **sobre**?

Para distinguir melhor uma forma da outra, **sob** equivale a *debaixo de* e **sobre**, a *em cima de*.

Assim, como você escreveria? *As crianças estavam **sob** as vistas dos pais* ou *as crianças estavam **sobre** as vistas dos pais*? A alternativa correta é a primeira: *As crianças estavam **sob** as (debaixo das) vistas dos pais*. Se fosse *sobre as vistas*, elas estariam *em cima dos olhos dos pais*.

Veja outros exemplos com **sob** (*debaixo de*): *Os reféns ficaram **sob** a mira dos*

*assaltantes. / Escondeu-se **sob** a cama. / Todos querem ficar **sob** a proteção do governo.*

Além de em cima de, **sobre** tem outros significados, entre os quais o de a respeito de: *Tinha escondido o presente **sobre** o (em cima do) armário. / Estava andando **sobre** o (em cima do) telhado. / O ministro falou **sobre** a (a respeito da) inflação. / Queria estudar mais **sobre** a (a respeito da) literatura brasileira.* ●

EDUARDO MARTINS é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*, *Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hifen* (Editora Manole), além de *6 Resumões de língua portuguesa*, editados pela Bafisa

31. FICOU FEIO

O ESTADO DE S. PAULO • Sábado, 21 de Abril de 2007 | **estadinho** | 7

DE PALAVRA EM PALAVRA



COM EDUARDO MARTINS

É certo dizer que o ator “enfeou” o personagem?

Uma das colunas de TV do **Estadão** desta semana informou que o ator Leonardo Miggiolin “se enfeou” para viver o irmão gêmeo do seu personagem na série *Sob Nova Direção*, da Rede Globo.

Quase simultaneamente, notícia da internet garantia: o programa X “estreiou” com muito sucesso na TV. Pois é, “enfeou”, sem i, e “estreiou”,

com i. Quem acertou?

Foi a nota do **Estadão**. Os verbos terminados em **ear** favorecem, com frequência, esse tipo de equívoco.

Para deixar a questão clara: o **i** só aparece, nas formas conjugadas, quando a sílaba mais forte inclui o **e** de **ear**. Assim: *re-cei-a, en-fei-a, es-tréi-a, apar-tei-em, cei-em, pas-sei-am*, etc.

Não existe **i** no final do verbo, porém, quando a sílaba

mais forte é a que vem depois do **e**: *rece-a-mos, aparte-a-ram, passe-as-se, enfe-a-ria, ce-a-remos, arque-á-vamos*.

Repare nos exemplos: O programa **estreu** na semana passada. / Todos **receiam** a violência das cidades. / A nutricionista **balanceava** a refeição dos empregados. / *Espera-se* que os bons atacantes **cabeceiem** bem a bola. ●

EDUARDO MARTINS é jornalista, autor dos livros **Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo**, **Com Todas as Letras - O Português Simplificado** (ambos da Editora Moderna) e **Uso do Hifen** (Editora Manole), além de **6 Resumões de língua portuguesa**, editados pela Bafisa

32. FRADE E FREI

ESTADO DE S. PAULO • Sábado, 28 de Abril de 2007 | **estadinho** | 7

DE PALAVRA EM PALAVRA



COM EDUARDO MARTINS

Roteiro para o uso de “frade” e “frei”



Um dos marcos da visita que o papa Bento XVI fará ao Brasil, de 9 a 13 de maio, será a canonização, no dia 11, de frei Galvão como primeiro santo brasileiro.

É importante lembrar, neste momento, que frei constitui uma forma de tratamento, a ser usada apenas antes do nome do religioso: *frei Galvão*, *frei Damião*, *frei Vicente*.

Assim, o que se deve dizer é que frei Galvão foi um *frade franciscano* (e não um “frei franciscano”) que fundou o Mosteiro da Luz. O *frade* (e não “o frei”) nasceu em Guaratinguetá. O pai do *frade* (e não “do frei”) era um imigrante português.

Por que, porém, se usa a palavra canonização nesse sentido? *Canonizar* deriva do latim *canonizo*, *canonizare* e equivale a “incluir o nome nos

livros canônicos”.

Trata-se, assim, de um procedimento feito conforme as regras, relativo às normas da Igreja. Aliás, na origem, a palavra *cânone* tinha mais de uma dezena de significados, entre os quais o de régua de construção, limite, tipo, modelo, princípio. Mas é só a partir do século 14 que *canonizar*, *canônico* e *cânone* adquirem sentido religioso bem definido. ●

EDUARDO MARTINS

é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*, *Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hifen* (Editora Manole), além de *6 Resumos de língua portuguesa*, editados pela Bafisa

33. ROMARIA

O ESTADO DE SÃO PAULO • Sábado, 12 de Maio de 2007 | **estadinho** | 7

DE PALAVRA EM PALAVRA



COM EDUARDO MARTINS

Romaria, Basílica... De onde vêm?



Hoje, penúltimo dia da permanência de Bento XVI no Brasil, milhares de pessoas chegarão a Aparecida, em romaria, para ver o papa. A esta altura da viagem, nada melhor que conhecer a origem de algumas palavras ligadas à visita. **Romaria**, por exemplo, deriva do nome da capital do mundo católico, pelo fato de Roma ser, desde

a Antiguidade, centro de peregrinações cristãs. Esse sentido se estendeu posteriormente a todo tipo de jornada a lugares santos.

Em Aparecida, o papa recebeu ontem as saudações dos padres redentoristas, assim chamados por pertencerem à Congregação do Santíssimo Redentor. Essa instituição foi fundada por Santo Afonso de Ligório em Nápoles, no ano de 1732.

Ainda hoje, Bento XVI participará da Recitação do Santo Rosário, na Basílica da cidade. Basílica vem do grego *basileús*, "rei". O termo passou ao latim, com as formas *basilicum* e *basilica*, para designar um edifício público onde funcionavam os tribunais de justiça. Depois, o nome passou a identificar uma construção destinada ao culto cristão, sentido com o qual entrou nas línguas românicas.

EDUARDO MARTINS é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo do O Estado de S. Paulo*, *Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hifen* (Editora Manole), além de *6 Resumões de língua portuguesa*, editados pela Bafisa

34. BICAMPEÃO

O ESTADO DE S. PAULO • Sábado, 19 de Maio de 2007 | **estadinho** | 11

DE PALAVRA EM PALAVRA



COM EDUARDO MARTINS

Não existe hífen em “bicampeão”



Ao vencer o São Caetano por 2 a 0, no dia 6, o Santos conquistou seu segundo título consecutivo na competição e, dessa forma, se tornou **bicampeão**.

No mesmo dia, porém, faixas no Morumbi e legendas nas telas de televisão apontavam: “Santos, **bi-campeão** paulista”. É essa grafia correta?

Não é, segundo as normas

ortográficas em vigor. Um dos caminhos para a formação de palavras no idioma consiste na ligação de uma partícula (prefixo) a uma palavra para formar outra. O processo segue regras específicas, podendo haver hífen ou não no termo resultante.

No caso dos elementos indicadores do número de campeonatos, não existe hífen.

Assim, o Santos é **bicampeão** (e não “bi-campeão”) paulista, o São Paulo é **tricampeão**

(e não “tri-campeão”) mundial e o Inter, em 2005, se tornou **tetracampeão** (e não “tetra-campeão”) gaúcho.

Outras combinações possíveis: **pentacampeão** (cinco títulos), **hexacampeão** (seis), **heptacampeão** (sete), **octocampeão** (oito), **eneacampeão** (nove) e **deccampeão** (dez).

E os campeonatos? **Bicampeonato**, **tricampeonato**..., até **octocampeonato**, **eneacampeonato** e **deccampeonato**.

EDUARDO MARTINS é jornalista, autor dos livros **Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo**, **Com Todas as Letras - O Português Simplificado** (ambos da Editora Moderna) e **Uso do Hífen** (Editora Manole), além de **6 Resumos de língua portuguesa**, editados pela Bafisa

35. MEIO ASSIM...

O ESTADO DE S. PAULO • Sábado, 26 de Maio de 2007 | **estadinho** | 7

DE PALAVRA EM PALAVRA



COM EDUARDO MARTINS

Mulher pode ficar “meio” adoentada



Para evitar um erro comum, não se esqueça de que a mulher que pega um resfriado está **meio adoentada**, e não “meia adoentada”. O segredo é lembrar que **meio** não varia quando equivale a **mais ou menos, um pouco, um tanto**. Neste caso, trata-se de um advérbio, categoria gramatical que não tem nem feminino nem plural.

Portanto: A moça estava **meio assustada** (e não “meia assustada”). Como se fosse: A moça estava **um tanto assustada**. / Eles estavam **meio** (e nunca “meios”) **escondidos** (um pouco escondidos). / As portas estavam **meio** (e não “meias”) **abertas** (mais ou menos abertas).

E existe algum caso em que meio varie? Sim: quando significa metade e acompanha

um nome, um substantivo. Exemplos: *Comprou meio dúzia de camisas.* / *Bebeu duas meias porções de vinho.* / *Não admitia meios-termos.* / *Elas eram suas meias-irmãs.* / *Falava a verdade sem meias-palavras.*

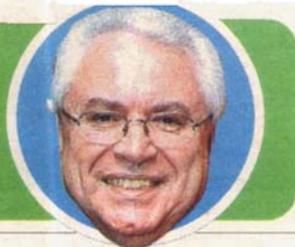
Por essa razão também se deve dizer **meio-dia** e **meia**, porque está subentendido **meio-dia** e **meia hora**: *Almoçava ao meio-dia e meia* (e não “ao meio dia e meio”).

EDUARDO MARTINS é jornalista, autor dos livros **Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo**, **Com Todas as Letras - O Português Simplificado** (ambos da Editora Moderna) e **Uso do Hifen** (Editora Manole), além de **6 Resumos de língua portuguesa**, editados pela Bafisa

36. PÔDE (ATÉ 2008)

O ESTADO DE S. PAULO • Sábado, 2 de Junho de 2007 | **estadinho** | 7

DE PALAVRA EM PALAVRA



COM EDUARDO MARTINS

Ele “pôde” viajar é a forma do passado



Até 1971, havia uma série de acentos no nosso idioma, chamados diferenciais, que se usavam para que as pessoas não confundissem uma palavra com outra de mesma grafia e som diferente.

Por essa razão, por exemplo, *almoço*, a refeição, se escrevia *almôço*, com acento, por causa da existência de *almoço*

(“almôço”, do verbo almoçar, com som aberto). Também o pronome *êle* se grafava assim, com acento, por causa de *ele* (letra, pronúncia “êlé”).

Esse tipo de sinal foi abolido, mas permanece em algumas poucas palavras do idioma, como **pôde**.

Os gramáticos acharam conveniente continuar a acentuar **pôde**, flexão do passado, para distingui-la de **pode** (“póde”), flexão do

presente. A justificativa é que, sem o acento, muitas vezes fica difícil saber quando se quer dizer ele *pôde viajar ontem*, no passado, e *ele pode vir hoje*, no presente.

Veja como usar: *Ele sempre pôde fazer o que quis* (passado) / *Ela pode fazer o que quer* (presente) / *O funcionário não pôde chegar a tempo de embarcar no avião* (passado) / *Ele pode iniciar o trabalho hoje* (presente). ●

EDUARDO MARTINS

é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*, *Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hifen* (Editora Manole), além de *6 Resumões de língua portuguesa*, editados pela Bafisa

37. TÊM, TEM

ESTADO DE S. PAULO • Sábado, 9 de Junho de 2007 | **estadinho** | 7

DE PALAVRA EM PALAVRA



COM EDUARDO MARTINS

“Tem” indica singular e “têm”, plural



Você estranha quando vê as formas **tem**, sem acento, e **têm**, com acento? Se a resposta for positiva, lembre-se de uma regra muito prática.

Tem, a mais simples, porque não leva acento, indica o singular: *O menino **tem** brinquedos caros. / Toda mãe **tem** amor pelos filhos.*

Por sua vez, **têm**, com acento, designa o plural: *Muitas pessoas **têm** medo do mar. / Os países **têm** amigos e inimigos.*

Preste, agora, atenção aos verbos **derivados** de **ter**. No singular, recebem acento agudo: *O técnico **mantém** o time que joga bem. / O sal **retém** água no organismo.* Do mesmo modo, *contém, detém, sustém, entretém, obtém,*

*etc.: A garrafa **contém** querosene. / O bom artista **entretém** o público.*

No plural, o circunflexo de **têm** se conserva: *Os policiais **detêm** os criminosos. / Os computadores **retêm** informações.* Igualmente, *contêm, mantêm, obtêm, retêm, sustêm, entretêm, etc.: Homens honrados **mantêm** a palavra. / Bons alunos **obtêm** notas altas.*

EDUARDO MARTINS é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo, Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hífen* (Editora Manole), além de *6 Resumões de língua portuguesa*, editados pela Bafisa

DE PALAVRA EM PALAVRA



COM EDUARDO MARTINS

Roupas são “de” e não “em” lã



Com a chegada do inverno, é natural que as pessoas comecem a usar roupas mais quentes. Será que é adequado dizer que **jaquetas em couro** e **blusas em lã** são indicadas para os dias mais frios? Não é o recomendável.

Jaquetas de couro e **blusas de lã** é que são apropriadas para os dias de inverno. A preposição que

designa o material de que alguma coisa é feita é **DE** e não **EM**, por mais que esta seja muito usada atualmente.

Por isso, diga e escreva, sem medo de errar, **saías de seda** (e não *saías “em” seda*), **calças de tropical**, **vestidos de crepe**, **pijamas de flanela**.

A norma não vale apenas para o vestuário. É também **DE** que se deve empregar em expressões como **estátua de bronze** (e não *estátua “em”*

bronze), **objetos de madeira**, **móvel de jacarandá**, **mesa de ferro**, **escultura de mármore**, **chapéu de palha**, **casa de alvenaria**, **ponte de concreto**, **barracão de zinco**, **parede de barro**, etc.

Evite também usar **EM** antes de nome de cor. Assim, **detalhes marrons** (e não *detalhes em marrom*). Da mesma forma: **casas azuis**, **desenhos amarelos**, **tapetes verdes**, etc. ●

EDUARDO MARTINS é jornalista, autor dos livros **Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo**, **Com Todas as Letras - O Português Simplificado** (ambos da Editora Moderna) e **Uso do Hifen** (Editora Manole), além de **6 Resumos de língua portuguesa**, editados pela Bafisa

DE PALAVRA EM PALAVRA



COM EDUARDO MARTINS

As festas de junho, juninas ou joaninas



As festas deste mês, que a tradição do interior do Brasil não deixa morrer, são **juninas** ou **joaninas**?

Junino é o adjetivo que designa tudo que se relacione com o mês de **junho**. Por isso, como os dias de Santo Antônio, São João e São Pedro são todos festejados neste mês, eles, em conjunto, caracterizam as **festas juninas**. Essas celebrações

eram típicas de alguns países europeus nos primeiros séculos depois de Cristo. Tinham uma remota ligação com a deusa romana Juno, tanto que se chamavam **junônias**, em homenagem à divindade.

A palavra **joanino** também existe na língua portuguesa e significa "relativo a João". Esse João pode ser um dos vários reis de Portugal com esse nome ou uma cidade (São João

d'Aliança, por exemplo).

Pode também ser o santo cujo dia se celebra amanhã. Por isso, **joaninas** são apenas as comemorações do dia 24, em homenagem a São João, e não os demais festejos do mês, todos **juninos**.

E as celebrações de julho? Mesmo que popularmente se fale em "festas **julinas**", a palavra não figura nos dicionários e por isso deve ser usada com ressalva ou cautela.

EDUARDO MARTINS é jornalista, autor dos livros **Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo**, **Com Todas as Letras - O Português Simplificado** (ambos da Editora Moderna) e **Uso do Hifen** (Editora Manole), além de **6 Resumões de língua portuguesa**, editados pela Bafisa

40. MAIS HÍFEN

ESTADO DE S. PAULO • Sábado, 30 de Junho de 2007 | **estadinho** | 7

DE PALAVRA EM
PALAVRA



COM EDUARDO MARTINS

Pan-americanos, sempre com hífen



As placas colocadas na própria praça e em outros locais da cidade indicam **Praça Panamericana**, desta forma. Já o noticiário dos jornais sobre a grande competição a ser realizada no Rio em julho registra os preparativos para a 15.^a versão dos **Jogos Pan-Americanos**.

Ou seja, **Panamericana**, sem hífen, e **Pan-Americanos**,

com o sinal. Afinal, qual a forma adequada?

Pois é, a Prefeitura paulistana é que teria de corrigir as placas com a grafia "Panamericana". E por uma razão muito simples.

Cada prefixo empregado na língua portuguesa segue normas próprias para se ligar a outro elemento. Assim, **pan** exige hífen quando o termo seguinte começa por vogal, **h, b, p, m** ou **n**: *pan-africano*,

pan-eslavo, pan-islâmico, pan-helênico, pan-brasileiro, pan-psiquismo, pan-mágico, pan-negritude.

Como o **a** é uma vogal, pela regra citada, **pan** agrega-se com hífen a *americano*: **Praça Pan-Americana, Jogos Pan-Americanos**. Somente se a letra que vier depois de **pan** for diferente das citadas, não existirá hífen: *pancontinental, pangermanista, pandinamismo, pansexualista, panlatino.*

EDUARDO MARTINS é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo, Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hífen* (Editora Manole), além de *6 Resumões de língua portuguesa*, editados pela Bafisa

Houve mudança com o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (panamericano).

41. IMINENTE

ESTADO DE S.PAULO • Sábado, 7 de Julho de 2007 | **estadinho** | 7

DE PALAVRA EM
PALAVRA



COM EDUARDO MARTINS

“Iminente” é que está prestes a acontecer



O texto de um jornal informava que o governo britânico havia elevado, para o nível máximo, o alerta referente “à eminência” de um atentado terrorista no País.

Esse é um bom exemplo do tipo de confusão que a existência de palavras semelhantes entre si pode provocar.

Na verdade, o que o jornal

pretendia era tratar da “iminência” de um atentado.

Iminência é a condição daquilo que está prestes a acontecer. Assim, uma empresa pode estar na *iminência* de pedir concordata, um país pode estar na *iminência* de atacar outro, etc. O adjetivo correspondente, **iminente**, usa-se em situações como: *O desabamento da casa estava iminente. / A população foi alertada para o risco*

iminente de tempestade.

Eminência, por sua vez, designa excelência, superioridade moral ou intelectual e ainda posição elevada de um local. Por isso se fala na *eminência* da sentença de um juiz, na *eminência* de Einstein na Física, na *eminência* de um terreno. O adjetivo qualifica um orador *eminente* (ilustre), um morro *eminente* (elevado) ou um escritor *eminente* (sublime). ●

EDUARDO MARTINS é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo, Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hifen* (Editora Manole), além de *6 Resumos de língua portuguesa*, editados pela Bafisa

42. VEM, VÊM

O ESTADO DE S. PAULO • Sábado, 14 de Julho de 2007 | **estadinho** | 7

DE PALAVRA EM PALAVRA



COM EDUARDO MARTINS

Vem, vêm, convém, provém, intervêm



Na coluna de 9 de junho, explicamos a existência ou não de acento Circunflexo nas formas **tem**, do singular, e **têm**, do plural, do verbo **ter** e de seus derivados.

O verbo **vir** segue modelo idêntico e a grafia de suas flexões varia, conforme estejam no singular ou no plural.

Para lembrar, então: no

presente do indicativo e no singular, a flexão **vem** não leva acento. Quando, porém, o verbo está no plural, ela se transforma em **vêm**.

Repare na diferença: *O futebol vem perdendo público a cada dia. / Fatos recentes vêm freqüentemente à memória. / Como mora no interior, ele vem todos os dias a São Paulo. / As empresas vêm fazendo esforços para exportar seus produtos.*

Nos derivados de **vir**, existe uma diferença considerável: a forma do singular (não acentuada em **vem**) recebe acento agudo: **Convém** que todos cheguem no horário.

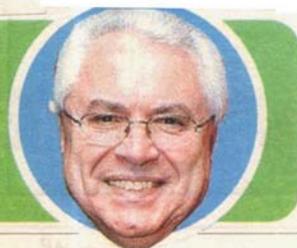
O plural, por sua vez, tem acento circunflexo: **Os pais intervêm** na vida dos filhos.

Mais dois exemplos: singular – *A palavra lição provém do latim "lectione"*; plural – *Pessoas vulgares dizem coisas que não convêm.* ●

EDUARDO MARTINS é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*, *Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hífen* (Editora Manole), além de *6 Resumos de língua portuguesa*, editados pela Bafisa

O ESTADO DE S. PAULO • Sábado, 28 de Julho de 2007 | **estadinho** | 11

DE PALAVRA EM PALAVRA



COM EDUARDO MARTINS

S ou Z? Recorra à regra prática



Uma dúvida bastante comum de grafia é: por que se escreve **avisar** e **paralisar**, com **s**, enquanto **organizar** e **atualizar** são com **z**? Esse problema, que atrapalha muita gente, pode ser resolvido pela aplicação de uma regra prática simples, mas eficaz.

Quando uma palavra já tem **s** seguido de vogal ou vogais na parte final, o **s** se

mantém. Por isso, *análise*, que tem **s-e**, dá *analisar*, com **s**; *paralisia*, que já tem **s-i-a**, faz parte do grupo de *paralisar* e *paralisação*; *catálise*, da mesma forma, resulta em *catalisar* e *catalisador*; *atraso*, que tem **s-o**, pertence à família de *atrasar*, *atrás* e *trás*.

A terminação **izar**, com **z**, que aparece muito mais vezes, é própria das palavras concluídas por **r**, **l** e vogais. Dessa forma, *horror*, por

exemplo, e *moral* correspondem a *horrorizar* e *moralizar*, com **z**. Repare em outros casos: *compatível* - *compatibilizar*; *viável* - *viabilizar*; *imune* - *imunizar*; *colono* - *colonizar*; *ameno* - *amenizar*, etc.

Se o substantivo terminar em **ismo**, use também o final **izar**, com **z**: *exorcismo* - *exorcizar*; *sindicalismo* - *sindicalizar*; *batismo* - *batizar*. ●

EDUARDO MARTINS é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*, *Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hifen* (Editora Manole), além de *6 Resumos de língua portuguesa*, editados pela Bafisa

44. CORES E CULINÁRIA?

O ESTADO DE S. PAULO • Sábado, 11 de Agosto de 2007 | **estadinho** | 7

DE PALAVRA EM PALAVRA



COM EDUARDO MARTINS

Tons “pastel” ou tons “pastéis”?



Vimos, na semana passada, que o nome das cores, quando expresso por um adjetivo, varia normalmente: *gravatas azuis, bandeiras amarelas, sapatos marrons, olhos verdes, casas brancas.*

As vezes, porém, a cor é definida por um substantivo, em geral uma substância, flor ou fruto. Neste caso, a palavra derivada não se flexiona.

Assim, quando se quer definir a roupa dos executivos, deve-se falar em *terno cinza* e *ternos cinza*. Como se vê, a palavra *cinza* não varia.

Dica útil: considere que está sempre clara ou subentendida a expressão *cor de*, como em *camisas (cor de) laranja, blusas (cor-de-) rosa, olhos (cor de) turquesa, paredes (cor de) creme*. Fale também em *tons (cor de) pastel* (trata-se do bastonete de pintura), e não

em “*tons pastéis*”, como se ouve e lê muito.

Nas palavras compostas, se pelo menos um dos termos é substantivo, o resultado não se altera: *malhas amarelo-canário* (*canário* é substantivo), *blusas castor-claro*, *uniformes verde-oliva*, *motos vermelho-sangue*. *Castor, oliva e sangue* são substantivos. Por isso formam compostos invariáveis. ●

EDUARDO MARTINS é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*, *Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hifen* (Editora Manole), além de *6 Resumos de língua portuguesa*, editados pela Bafisa

45. JOGOS OLÍMPICOS

ESTADO DE S. PAULO • Sábado, 18 de Agosto de 2007 | **estadinho** | 7

DE PALAVRA EM PALAVRA



COM EDUARDO MARTINS

Jogos serão em Pequim ou Beijing?

 Segundo a Bandeirantes, os Jogos Olímpicos de 2008 serão disputados em **Beijing**. A Globo e outras emissoras, porém, informam que eles estão marcados para **Pequim**. São duas cidades diferentes? Se não são, qual o motivo da confusão?

Em 1979, o governo chinês adotou um sistema destinado a transcrever, para o alfabeto

latino, os sons do idioma do país, o mandarim. A providência teve o objetivo de evitar as grafias divergentes, no Ocidente, dos nomes de personagens e cidades locais.

Por esse processo, *Pequim* passou a *Beijing*, assim como *Cantão* se tornou *Guangzhou* e *Hong Kong* virou *Xianggang*.

Como proceder, então? A recomendação prudente é manter as grafias consagradas e aplicar as novas regras

apenas aos nomes recentes.

É o que os jornais fazem, por exemplo, quando continuam a escrever *Mao Tse-tung* (e não *Mao Zedong*, pelas normas do pinyin). Já *Deng Xiaoping*, nome mais recente, pode ser adaptado sem maiores problemas. Por isso, prefira usar *Pequim*, *Hong Kong* e *Cantão*. E, se pequinês é o natural de *Pequim*, como se chamaria quem nasceu em *Beijing*?

EDUARDO MARTINS é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*, *Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hifen* (Editora Manole), além de *6 Resumos de língua portuguesa*, editados pela Bafisa

46. FALTA QUANTO?

ESTADO DE S. PAULO • Sábado, 1 de Setembro de 2007 | **estadinho** | 7

DE PALAVRA EM PALAVRA



COM EDUARDO MARTINS

Faltam quatro meses, e não “falta”



Como você acha que se deve dizer: **Falta quatro meses para o fim do ano** ou **faltam quatro meses para o fim do ano**?

O certo é empregar o verbo no plural: **Faltam quatro meses para o fim do ano**. **Faltar** é um verbo regular, que concorda normalmente com a palavra a que se refere.

Por isso, também se deve dizer e escrever: **Faltam dois**

anos para ele terminar o curso. / **Faltam ainda alguns esclarecimentos a respeito do caso**.

Muitas pessoas se confundem com relação ao uso de **faltar** porque estabelecem analogia com **fazer**.

É **fazer**, porém, que não varia quando expressa tempo decorrido ou condições atmosféricas. Assim: **Faz** (e não “fazem”) **dez anos que ele chegou ao Brasil**. / **Fazia dois**

meses que o trabalho havia sido entregue. / *Faz dez dias que ele foi contratado pela empresa*. / *Faz dias muito bonitos em setembro*. / *Deve fazer* (e não “devem fazer”) *muitas semanas de sol ainda este ano*.

Como já vimos, no entanto, com **faltar** o mesmo não ocorre. Portanto: **Faltam cinco anos para ele se aposentar**. / **Faltam duas horas para o início da festa**.

EDUARDO MARTINS

é jornalista, autor dos livros **Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo**, **Com Todas as Letras - O Português Simplificado** (ambos da Editora Moderna) e **Uso do Hífen** (Editora Manole), além de **6 Resumos de língua portuguesa**, editados pela Bafisa

47. PARABÉNS

O ESTADO DE S. PAULO • Sábado, 8 de Setembro de 2007 | **estadinho** | 7

DE PALAVRA EM PALAVRA



COM EDUARDO MARTINS

Dê sempre "os" parabéns



A manchete de um jornal paulistano, segunda-feira, elogiava a vitória por 2 a 0 do Corinthians sobre o Santos, no domingo, desta maneira: "Parabéns atrasado". A frase – referência ao aniversário do Timão, comemorado na véspera – contém um equívoco habitual de concordância, que é sempre conveniente evitar.

Por mais que o uso comum insista em considerar a palavra como singular ("o" *parabéns*, "um" *parabéns*), ela está no plural e, dessa forma, deve concordar com o adjetivo que a acompanha. Assim: "Parabéns *atrasados*".

Com o tempo, muitas formas do idioma sofrem alterações. Há alguns séculos ou décadas, encontrava-se também a grafia *parabém*, no singular, em exemplos como

este de Machado de Assis: "Jucunda viu mais de um dignitário do Estado inclinar-se diante dela, e dar-lhe o *parabém*."

O vocábulo praticamente só aparece hoje no plural: *Meus parabéns*, *deu os parabéns à torcida*, *nossos parabéns*. E, como plural, é obrigatório que leve para o mesmo gênero os vocábulos a ele relacionados: *Considerou válidos todos os parabéns recebidos*.

EDUARDO MARTINS é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*, *Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hifen* (Editora Manole), além de *6 Resumos de língua portuguesa*, editados pela Bafisa

48. SEUS ÓCULOS? MEUS ÓCULOS?

ESTADO DE S. PAULO • Sábado, 15 de Setembro de 2007 | **estadinho** | 7DE PALAVRA EM
PALAVRA

COM EDUARDO MARTINS

Cuide bem dos “seus” óculos



Assim como os **parabéns** (e não “o parabéns”), de que tratamos na coluna anterior, outra palavra que costuma criar problemas de concordância é **óculos**. Então: **meu óculos** ou **meus óculos**?

O adequado, a exemplo de **os parabéns**, **meus parabéns**, é também falar nos **meus óculos**: *Alguém viu os meus óculos?* / *Preciso de novos óculos* (e não de “novos óculos”). / *Ele quebrou*

os óculos (e não “o óculos”). Da mesma forma: *dois óculos*, *nossos óculos*, *uns óculos*.

Nos filmes de piratas, esses homens do mar usavam uma luneta, aparelho que tem o nome de **óculo** (no singular) e consta de um só elemento. Nos óculos de hoje, as lentes fazem o papel da luneta.

Como são duas, os textos formais devem considerar a palavra sempre no plural: **os óculos** (e não “o óculos”), **uns óculos** (e não “um óculos”), **estes óculos** (e não “es-

te óculos”).

O dicionário *Aurélio*, por exemplo, alerta: “No Brasil, diz-se erroneamente **o óculos**, **este óculos**, **meu óculos**”. O Houaiss também chama a atenção para o “erro” e indica as construções recomendáveis: *uns óculos*, *meus óculos*, *um par de óculos*. •

EDUARDO MARTINS é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*, *Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hífen* (Editora Manole), além de *6 Resumos de língua portuguesa*, editados pela Bafisa

49. PATINS

ESTADODES.PAULO • Sábado, 22 de Setembro de 2007 | **estadinho** | 7

DE PALAVRA EM PALAVRA



COM EDUARDO MARTINS

Faça bonito com “os patins”



Você, que gosta de fazer bonito nas pistas, leva sempre consigo “o seu patins” ou “os seus patins”? A exemplo dos casos de parabéns e óculos, que tratamos nas colunas anteriores, fale **nos seus patins**.

Patim, no singular, é um dos pés do calçado e no plural, os dois: *um patim, dois patins, meus patins*.

Certas palavras, porém,

admitem mais de uma forma e o verbo deve concordar com a opção adotada. Ainda esta semana, os Estados Unidos reduziram a taxa de **juros** do país de 5,25% para 4,75%. Reparou na forma “juros”? Como se trata de plural, o certo é falar “**nos juros**” (e nunca em “o juros”, como se ouve com muita frequência).

Fato idêntico ocorre com **ciúme**, palavra que admite singular e plural. Se uso o

singular, devo falar normalmente em “o **ciúme**”, “**meu ciúme**”, etc. Caso prefira o plural, “os **ciúmes**”, “**meus ciúmes**”. Só não posso mencionar “o **ciúmes**”, porque “o”, singular, não combina com “**ciúmes**”, plural.

Para concluir, lembre de algumas palavras usadas apenas no plural: as *olheiras*, as *cócegas*, os *pêsames*, os *afazeres*, as *núpcias*, os *suspensórios* e os *viveres*. ●

EDUARDO MARTINS é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*, *Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hifen* (Editora Manole), além de 6 *Resumões de língua portuguesa*, editados pela Bafisa

50. FATAL

ESTADO DE S. PAULO • Sábado, 29 de Setembro de 2007 | **estadinho** | 7

DE PALAVRA EM
PALAVRA



COM EDUARDO MARTINS

Fatal não é a vítima



O leitor J. Milton faz esta pergunta à coluna: "Apresentadores, comentaristas, articulistas, enfim, toda a mídia, diante de acontecimentos que resultem em mortes de pessoas, mencionam as vítimas *mortas* como vítimas *fatais*. É correto dizer-se *vítima fatal*? Afinal, a vítima não causa morte, não é final, não é desastrosa."

A observação tem toda a procedência. Fatal significa "mortífero", "que causa a

morte". É preciso levar em conta, então, que a vítima recebe a morte e não a produz. Então, *fatal*, no sentido real, é um acidente, uma batida, uma queda, um ferimento, um tiro, um golpe, uma pancada.

Ou seja, um acidente *pode deixar cinco mortos e oito feridos ou causar a morte de 20 pessoas e ferimentos em 50*. Mas não se deve dizer que ele "deixou cinco vítimas fatais e oito feridos" nem que "resultou em 20 *vítimas fatais* e 50 feridos".

No sentido figurado, como sinônimo de "irrevogável", "que traz ruína ou desgraça", fatal pode ser um prazo, uma decisão, uma derrota e até uma paixão: *Era uma decisão fatal para os empregados. / O prazo fatal para as demissões se aproximava.* ●

EDUARDO MARTINS é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*, *Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hifen* (Editora Manole), além de *6 Resumões de língua portuguesa*, editados pela Bafisa

51. GERUNDISMO DEMITIDO!

ESTADO DE S. PAULO • Sábado, 6 de Outubro de 2007 | **estadinho** | 7

DE PALAVRA EM PALAVRA



COM EDUARDO MARTINS

Pode-se demitir o gerúndio?



A pergunta pode parecer estranha, mas o Estadão noticiou terça-feira: o Distrito Federal decretou que “fica demitido o gerúndio de todos os órgãos do Governo”.

A explicação oficial é que o gerúndio serve de desculpa para a “ineficiência” da administração, setor no qual proliferam frases como “a senhora estará recebendo a

resposta amanhã”, “sua empresa pode estar entregando os dados em tal endereço”, “o senhor deve estar pagando as despesas até sábado”, etc.

Na verdade, o que o governador pretendeu “demitir” foi o gerundismo, já que o gerúndio constitui forma verbal de emprego pleno e correto na língua.

O gerundismo é que consiste no uso distorcido do gerúndio, popularizado principalmente pelas

empresas de telemarketing. De uns oito ou dez anos para cá, tornaram-se usuais (e desagradáveis) construções como “o senhor vai estar recebendo a proposta amanhã”, “nós vamos estar iniciando o serviço segunda-feira”, etc.

O vício é irritante porque substitui estruturas verbais consolidadas na língua. Por que, assim, “vamos estar iniciando o serviço”, em vez de “vamos iniciar o serviço”, simplesmente? ●

EDUARDO MARTINS é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo, Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hifen* (Editora Manole), além de *6 Resumos de língua portuguesa*, editados pela Bafisa

DE PALAVRA EM PALAVRA



COM EDUARDO MARTINS

Como usar o bom gerúndio



Vimos o uso inadequado do gerúndio para expressar o futuro, em frases como “*vou estar enviando amanhã*”, quando o recomendável é “*vou enviar amanhã*”.

E qual é o uso correto do gerúndio, forma verbal indispensável do idioma? Ele apresenta duas formas, a simples (*chegando*) e a composta (*tendo* ou *havendo* *chegado*). A simples

expressa uma ação em curso: *Chegando a hora da partida, o trem apitou*. A composta indica uma ação concluída: *Tendo chegado ao fim da linha, o trem foi recolhido*.

Veja alguns usos do gerúndio:

a) Define uma circunstância de tempo, causa, modo, meio, condição, etc.: *Dizendo isso, ele se retirou*. / *Sendo muito jovem, não sabia das coisas da vida*.

b) Modifica um substantivo

ou palavra substantivada: *Vi o homem fazendo um esforço sobre-humano*. / *Eram pedras caindo sobre o ônibus*.

c) Nas locuções verbais, define uma ação durativa, em desenvolvimento: *Eles estavam fazendo muito barulho*. / *Vinha sendo o melhor*. / *Ele está saindo muito*. / *Todos estão dando o melhor de si para a vitória*.

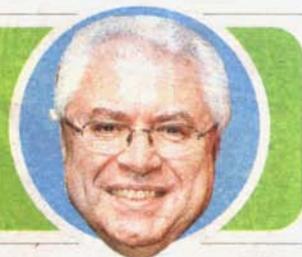
Neste caso, aparece o uso legítimo do gerúndio com o verbo *estar*.

EDUARDO MARTINS é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*, *Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hifen* (Editora Manole), além de *6 Resumões de língua portuguesa*, editados pela Bafisa

53. MAIS POR QUE?

ESTADO DE S. PAULO • Sábado, 20 de Outubro de 2007 | **estadinho** | 7

DE PALAVRA EM PALAVRA



COM EDUARDO MARTINS

“Por que” indica razão



Você já ouviu dizer que se usa o **por que**, separado, nas

perguntas e o **porque**, junto, nas respostas? Bem, não é que essa regra esteja errada, mas, muito genérica, ela não explica o emprego de todos os **porquês** e, pior ainda, induz a erro em casos muito comuns. Por isso, prefira seguir as instruções abaixo, que tornam a questão muito mais clara.

1) **POR QUE**. O **por que**, separado, aparece em três situações:

a) Quando estão **claras** ou **subentendidas** as palavras **motivo, causa, razão**, independentemente de haver interrogação ou não na frase: **Por que** (motivo) *ocê não foi à festa?* / **Por que razão** há tanta violência nas ruas? / **Não sei por que** (razão) *ele adiou a viagem.* / **Ele não disse por que**

(motivo) *pretendia sair mais cedo.*

Nos dois últimos exemplos, é como se houvesse uma pergunta indireta: **Por que** *ele adiou a viagem?* / **Por que** *ele pretendia sair mais cedo?*

Os equívocos na imprensa são comuns, como nestes casos em que o **por que**, apesar de ter saído “junto”, é “separado”: **Executivas explicam por que** (e não **porque** – estão subentendidos motivo, razão) *mulheres raramente chegam ao comando das empresas.* / **Não sei por que** (razão – e não “porque”) *ele fez aquilo.* / **Eis por que** (motivo) *o menino se machucou.* / **Não há por que** (causa) *continuar o trabalho.*

Esse é também o **por que** dos títulos de jornais, revistas e livros que insinuam uma explicação: **Por que** (motivo) *sempre há países em guerra.* / **Por que** (razão) *as pessoas mudam.*

b) Quando equivale a **para que**: **Estavam ansiosos por que** (para que) *ela voltasse.*

c) Quando pode ser substituído por **pelo qual, pela qual, pelos quais** e **pelos quais**: **Esse é o ideal por que** (pelo qual) *tanto lutou.* / **Mataram a cobra por que** (pela qual) *a criança fora picada.* / **Eram os apelidos por que** (pelos quais) *todos os conheciam.*

2) **POR QUÊ**. Em duas palavras e com acento, aparece apenas quando, nos casos citados anteriormente, vem no fim da frase: **Não fez o trabalho e não explicou por quê** (motivo). / **Vocês brigaram, meu Deus, por quê** (razão)? / **Chegar cedo por quê?** (A concluir). ●

EDUARDO MARTINS

é jornalista, autor dos livros **Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo**, **Com Todas as Letras - O Português Simplificado** (ambos da Editora Moderna) e **Uso do Hifen** (Editora Manole), além de **6 Resumos de língua portuguesa**, editados pela Bafisa

54. MAIS MOTIVOS PARA EXPLICAÇÃO

O ESTADO DE SÃO PAULO • Sábado, 27 de Outubro de 2007 | **estadinho** | 7DE PALAVRA EM
PALAVRA

COM EDUARDO MARTINS

‘Porque’ e ‘Porquê’: da
explicação ao motivo

Concluimos hoje a série, iniciada na coluna anterior, sobre a maneira adequada de usar as formas **por que**, **por quê**, **porque** e **porquê**. Essa questão é uma das que provocam o maior número de dúvidas para o correto emprego da língua portuguesa.

★

3) **PORQUE**. Introduce uma explicação (equivale a uma vez que, pois): *O ônibus chegou atrasado porque (pois) havia muito trânsito na rua. / O jogo foi adiado porque (uma vez que) choveu muito hoje. / Fi-lo porque (uma vez que) o quis.*

Como dá um esclarecimento, o **porque** aparece ainda nas perguntas em que se sugere uma resposta: *O ônibus chegou atrasado porque havia muito trânsito na rua?*

/ O jogo foi adiado porque choveu muito? / Ele chegou tarde porque perdeu a hora?

4) **PORQUÊ**. Com acento e numa palavra só, substitui as palavras motivo, razão, causa e pergunta: *Ninguém sabia o porquê (motivo) do seu ato. / Todos aguardavam explicações sobre os porquês (razões, causas) da decisão. / É uma criança cheia de porquês (perguntas). / O diretor quis saber o porquê de sua ordem não ter sido cumprida.*

Neste caso, é importante notar que não estão implícitas as palavras motivo, razão, causa e pergunta: o **porquê**, simplesmente, aparece no lugar de cada uma delas.

★

Observação importante:

Como se vê, e já foi ressaltado nestas explicações, a regra muito

difundida de que “se usa **por que**, separado, nas perguntas, e **porque**, junto, nas respostas”, não resolve todos os casos. Além disso, pode muito facilmente levar a erros. Veja por quê:

a) Existe **porque**, junto, em orações com ponto de interrogação: *Ele foi multado porque corria muito?*

b) Existe **por que**, separado, em orações afirmativas: *Consegui o cargo por que (pelo qual) tanto lutou. / Estavam ansiosos por que (para que) ela voltasse.*

c) Existe **por que**, separado, em orações interrogativas, mas indiretas, ou seja, sem ponto de interrogação: *Ele perguntou por que você não veio. Nessa frase está subentendida a pergunta “por que você não veio?”. Outro exemplo: Ninguém sabia por que o jogo havia sido adiado. ●*

EDUARDO MARTINS

é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*, *Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hifen* (Editora Manole), além de *6 Resumos de língua portuguesa*, editados pela Bafisa

55. UM TERÇO

O ESTADO DE S. PAULO • Sábado, 3 de Novembro de 2007 | **estadinho** | 7

DE PALAVRA EM PALAVRA



COM EDUARDO MARTINS

Um terço dos amigos são ou é?



Uma das manchetes de um jornal carioca, no mês passado, era: *Um terço dos acidentes envolve caminhões*. Claro que se tratava de uma referência à grave situação das estradas brasileiras e ao desrespeito das normas de tráfego pelos motoristas que as utilizam.

Para a nossa consideração, porém, o que importa é o conceito incluído no título. É certo dizer que

“um terço dos acidentes envolve caminhões” ou o recomendável seria *“um terço dos acidentes envolvem caminhões”*?

Bem, a frase não tem nenhum erro. Com números fracionários, a concordância se faz com o valor que o algarismo expressa. Como um terço é singular, o verbo fica no singular. Da mesma forma: **Um quarto dos manifestantes vaiou o orador.**

Se você conhece matemática bem, o numerador

da fração conduz a concordância. Em **um quarto**, o numerador é **um** (singular, portanto) e o denominador, **quatro**.

Se o número estiver no plural, verbo no plural: **Dois terços da turma faltaram às aulas. / Três quintos dos senadores aprovaram o projeto**. Veja um exemplo em que ocorrem as duas concordâncias: **Na época dos biônicos, um terço dos senadores era nomeado e dois terços eram eleitos pelo povo.**

EDUARDO MARTINS é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*, *Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hifen* (Editora Manole), além de *6 Resumões de língua portuguesa*, editados pela Bafisa

56. PENTACAMPEÕES

ESTADO DE S. PAULO • Sábado, 24 de Novembro de 2007 | **estadinho** | 7

DE PALAVRA EM PALAVRA



COM EDUARDO MARTINS

Jogadores também são pentacampeões?



Os goleiros Marcos, do Palmeiras, e Rogério Ceni, do São Paulo, podem ser considerados **pentacampeões**? Afinal, os dois participaram das campanhas em que a seleção do Brasil ganhou o quinto título da Copa do Mundo, em 2002, e em que o São Paulo conquistou o quinto título do futebol brasileiro, este ano.

Nem Marcos nem Rogério são **pentacampeões**, por mais que a imprensa os chame

dessa maneira. Para comprovar o equívoco, basta decompor a palavra pentacampeão: *penta* (cinco) + *campeão*. Ou seja, *cinco* vezes *campeão*. Seus times, sim – e não eles – se tornaram cinco vezes *campeões*.

O fato de terem feito parte das equipes que obtiveram cinco títulos não os transforma em **pentacampeões**: Marcos foi campeão mundial *uma* vez (2002) e Rogério foi campeão brasileiro *duas* vezes (2006 e 2007).

Veja agora como se

classificaria um time ou jogador, de 1 a 12, quanto ao número de campeonato: *bicampeão* (duas vezes), *tricampeão* (três), *tetracampeão* (quatro), *pentacampeão* (cinco), *hexacampeão* (seis – é o que o Brasil poderá ser em 2010 na África do Sul), *heptacampeão*, *octocampeão* (e não “octacampeão”), *eneacampeão* (nove), *decacampeão* (dez), *undecacampeão* (onze) e *dodecacampeão* (doze). ●

EDUARDO MARTINS

é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*, *Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hifen* (Editora Manole), além de 6 *Resumões de língua portuguesa*, editados pela Bafisa

57. AO INVÉS

estadinho | Sábado, 1 de Dezembro de 2007 • O ESTADO DE S. PAULO

DE PALAVRA EM PALAVRA



COM EDUARDO MARTINS

“Ao invés” significa “ao contrário”, apenas

 Em carta a um jornal paulista, um leitor reclamava dos preços do conversor necessário para que os televisores brasileiros possam captar a imagem digital, e usou estes termos: “Ao invés de deixar que a concorrência faça o preço baixar, o ministro Hélio Costa informa que pretende usar dinheiro público para subsidiar os preços.”

Deixando de lado a essência da crítica do leitor, é recomendável o uso de “ao invés de” nesse texto? Não é. Ao invés de tem sentido muito limitado e significa ao contrário de. Assim: **Ao invés de entrar, a moça saiu.** / **Ao invés de baixar, o preço subiu.** Entrar e sair, assim como baixar e subir, são verbos de sentidos opostos, o que justifica a emprego de ao invés de.

Já em vez de indicá substituição, equivalendo a no lugar de. É a forma que caberia no texto citado: **“Em vez de deixar que a concorrência faça o preço**

baixar...” Outros exemplos: *Comprou frango em vez de peixe.* / *Sentou-se no banco, em vez da cadeira.* / *Em vez dos R\$ 45 constantes do anúncio, pagou R\$ 40 pela camisa.* Em todos os casos, existe mera substituição, e não oposição.

O pior é que o uso errado de ao invés de decorre de uma tentativa de tornar a fala ou o texto mais elegante. Uma dica: se estiver em dúvida, use em vez de, que serve para as duas situações. ●

EDUARDO MARTINS é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*, *Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hifen* (Editora Manole), além de *6 Resumos de língua portuguesa*, editados pela Bafisa

58. MUÇARELA

ESTADO DE S. PAULO • Sábado, 8 de Dezembro de 2007 | **estadinho** | 7

DE PALAVRA EM PALAVRA



COM EDUARDO MARTINS

A pizza é mesmo de “muçarela”?



A dúvida não é nova, mas voltou a debate no programa *Você É Mais Esperto* que um Aluno da 5.^a Série?, do SBT: qual a grafia do nome do queijo, *mussarela* ou *muçarela*? Os participantes do programa, por unanimidade, soletraram a palavra como “mussarela”.

Desde 1998, com o lançamento do dicionário *Michaelis*, da Melhoramentos, estão em circulação as duas grafias apontadas como “corretas” para o vocábulo:

muçarela (com ç) e *mozarela*. As duas formas foram também adotadas por livros posteriores, como o *Aurélio do Século XXI*, o *Houaiss* e o *Mini-Caldas Aulete*. O *Vocabulário Ortográfico*, da Academia Brasileira de Letras, que tem valor de lei na escrita das palavras, aponta três opções válidas, *mozarela*, *muçarela* e *muzarela*.

As três decorrem do aportuguesamento do italiano *mozzarella*, mas vão contra o que se emprega no Brasil há décadas, *mussarela*.

Por isso, em *mozarela*, o *Dicionário Unesp* faz esta observação: “A forma *mussarela*, não registrada pelo VOLP, ocorre largamente na literatura jornalística, enquanto a variante *muçarela*, admitida pelo VOLP, não ocorre nos textos escritos contemporâneos.”

Então, o que se recomenda? Usar *mozarela*, menos estranha e polêmica. Agora, quem tiver coragem pode adotar a oficial, *muçarela*. E esperar as críticas... Continua. ●

EDUARDO MARTINS é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*, *Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hifen* (Editora Manole), além de 6 *Resumos de língua portuguesa*, editados pela Bafisa

59. MAIS MUÇARELA?

ESTADO DE S. PAULO • Sábado, 15 de Dezembro de 2007 | **estadinho** | 7

DE PALAVRA EM PALAVRA



COM EDUARDO MARTINS

Como surge o “ç” em muçarela?



As explicações não eliminam a estranheza, mas sempre é possível perguntar, a respeito da grafia pouco usual de *muçarela* com ç, em vez da mais comum, *mussarela*: afinal, como aparece o ç numa palavra que vem do italiano *mozzarella*?

A justificativa é que o z duplo em italiano corresponde, em português, a c ou ç, dependendo da vogal que venha depois da letra. Por isso, uma das adaptações de *mozzarella* é *muçarela* (aó

lado de *mozarela* e *muzarela*, formas registradas pela maioria dos dicionários e pelo *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, da Academia Brasileira de Letras).

Não é em todas as palavras provenientes do italiano, porém, que a regra funciona. Por exemplo, *mezzanino* não resulta em *meçanino* em português, mas em *mezanino*, com a simples queda de um z. E o mesmo ocorre com *pizza* e seus derivados, vocábulos que não

foram aportuguesados. Por isso, *pizza*, *pizzaria*, *pizzaiolo*, etc.

Para alguns especialistas do idioma, a dupla zz do italiano leva muitas pessoas a supor que a transposição do termo para o nosso idioma se dá pela utilização de algo similar, como um duplo ss, resultando em *mussarela*, em vez de *muçarela*. Lembre-se: se não quiser usar a forma “oficial” do nome do queijo em português, *muçarela*, apele para *mozarela*. ●

EDUARDO MARTINS é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*, *Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hifen* (Editora Manole), além de *6 Resumos de língua portuguesa*, editados pela Bafisa

60. PRESÉPIO

O ESTADO DE S. PAULO • Sábado, 22 de Dezembro de 2007 | **estadinho** | 7

DE PALAVRA EM PALAVRA



COM EDUARDO MARTINS

Qual a origem de “presépio”?



Eles já foram muito simples e tinham um objetivo único, o de reconstituir, com a ajuda da imaginação, a cena do nascimento de Jesus Cristo. Aos poucos, no entanto, adquiriram sofisticação, e o uso da energia tornou móveis as figuras estáticas dos primeiros tempos, aliando-se ao engenho humano para produzir **presépios** que são verdadeiras obras de arte.

A palavra **presépio** deriva da forma latina *praesepium*,

formada de *prae*, antes, na frente, e de *saepes*, cerca, barreira, grade. No início, designava apenas um lugar fechado. Depois, passou a dar nome ao recinto onde se recolhiam animais durante a noite (de *praesepire*, fechar, circundar).

Atualmente, esse sentido original praticamente desapareceu, e o vocábulo (que tem uma variante, *presepe*) se aplica quase exclusivamente à representação do estábulo de Belém e das figuras e

personagens presentes por ocasião do nascimento de Cristo.

O termo, quando entrou no português, já se resumia a nomear essa alegoria característica do Natal. Foi São Francisco de Assis, no século 13 (anos 1200), quem teve a idéia de reproduzir dessa maneira a chegada do Messias ao mundo, e o fez usando figuras vivas, prática ainda hoje comum em várias cidades do interior do Brasil. ●

EDUARDO MARTINS é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*, *Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hifen* (Editora Manole), além de *6 Resumões de língua portuguesa*, editados pela Bafisa

O ESTADO DE S. PAULO • Sábado, 29 de Dezembro de 2007 | **estadinho** | 7

DE PALAVRA EM PALAVRA



COM EDUARDO MARTINS

De onde vem o 'réveillon'



Claro que hoje não dá mais para conter a invasão inglesa na língua portuguesa. Mas houve épocas em que era o francês que exportava palavras para outros países.

Na mudança para 2008, por exemplo, quase todos nós participaremos de um animado **réveillon** (pronuncia-se *reveiom*). Derivado do francês *réveiller* (acordar), o vocábulo lembra o ato de ficar acordado à espera do novo ano.

O **réveillon**, a princípio,

consistia numa "pequena refeição feita à noite, com companhia", em 31 de dezembro, segundo o dicionário *Houaiss*. Depois, a idéia ganhou o sentido de uma "espécie de divertimento que se faz na França após a missa da meia-noite". Atualmente, o **réveillon** designa a passagem do ano e os festejos destinados a marcar o fim de uma era e a chegada de outra.

01.º de janeiro é também o Dia da Confraternização Universal. **Confraternizar**, com esse sentido, significa dar

demonstrações efusivas de amizade. Como não é pronominal (não deve ser usado com o se), o recomendável é dizer que as pessoas vão **confraternizar umas com as outras**. Da mesma forma: *Ele confraternizava até com os adversários*. Você também pode usar o verbo sem o **com**, desta forma: *Depois da ceia de ano-novo, todos vão confraternizar.* / *As pessoas expansivas confraternizam sempre que podem.*

EDUARDO MARTINS é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*, *Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hifen* (Editora Manole), além de 6 *Resumões de língua portuguesa*, editados pela Bafisa

62. PLURAL

ESTADO DE S. PAULO • Sábado, 5 de Janeiro de 2008 | **estadinho** | 7

DE PALAVRA EM PALAVRA



COM EDUARDO MARTINS

Qual é o plural de “água-viva”?



O noticiário sobre as festas de fim de ano, em Praia Grande, acrescentou um elemento inusitado à falta d'água, à violência e aos congestionamentos tradicionais nessa época: a presença, nas praias, de uma espécie marinha chamada **água-viva**, cujos tentáculos causaram queimaduras em centenas de banhistas.

Os portais da internet e os jornais nem sempre acertaram, porém, ao

flexionar a palavra, cujo plural foi indicado como *águas-viva*, *água-vivas* e *águas-vivas*.

A opção que atende às normas do idioma é **águas-vivas**. Quando uma palavra composta (que tem seus dois termos ligados por hífen) é constituída por um substantivo e um adjetivo, normalmente os dois se flexionam. Por isso, **águas-vivas** (de *água*, substantivo, mais *viva*, adjetivo).

O mesmo ocorre com *matérias-primas*, *bóias-frias*,

guardas-civis, *pontas-direitas*, *lugares-comuns*, *pães-duros*, *caixas-pretas* e *carros-fortes*, formas nas quais o primeiro elemento é um substantivo e o segundo, um adjetivo.

Se a palavra composta resultar da adição de um adjetivo a um substantivo, também os dois vão para o plural: *prontos-socorros*, *longas-metragens*, *boas-fés*, *pobres-diabos*, *puros-sangues*, *más-línguas*, *altos-fornos*, *gentis-homens*, *baixos-relevos*. ●

EDUARDO MARTINS

é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*, *Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hifen* (Editora Manole), além de *6 Resumões de língua portuguesa*, editados pela Bafisa

63. É GRATUITO?

ESTADODES.PAULO • Sábado, 12 de Janeiro de 2008 | **estadinho**

DE PALAVRA EM PALAVRA



COM EDUARDO MARTINS

Não se atrapalhe ao dizer “gratuito”



Uma propaganda da Net, na televisão, informa que a empresa fornece um decodificador “gra-tu-í-to” aos seus assinantes. E, quando um incêndio causou transtornos no Hospital das Clínicas na véspera do Natal, diversos noticiários da TV atribuíram o fato a um curto-“cir-cu-í-to”. É “gra-tu-í-to” e “cir-cu-í-to” mesmo que se diz? Não é.

Existem quatro palavras na língua portuguesa (que

formam alguns derivados) com a terminação **uito**. Em todas elas, a pronúncia é “*úi-to*”, e não “*u-í-to*”.

Gratuito (“gra-túi-to”) é uma delas e dá origem a “*gratuitamente*”, que soa como gra-túi-tamente, e não “gra-tu-í-tamente”, como se ouve com muita frequência.

Com **circuito** e seu derivado **curto-circuito** ocorre a mesma coisa. Neste caso o som mais forte também incide no u: “cir-cúi-to” (e não “cir-cu-í-to”) e curto-“cir-cúi-to” (e não

curto-“cir-cu-í-to”).

As outras duas palavras com a terminação mencionada são **intuito** e **fortuito**. O som das duas é idêntico: “in-túi-to” e “for-túi-to”, com os derivados “for-túi-tos”, “for-túi-ta”, “for-túi-tas” e “for-túi-tamente” (os acentos colocados nas palavras não existem e servem apenas para indicar a maneira de pronunciá-las). A grafia oficial delas é: *circuito*, *gratuito*, *intuito* e *fortuito*.

EDUARDO MARTINS

é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*, *Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hifen* (Editora Manole), além de *6 Resumos de língua portuguesa*, editados pela Bafisa

64. PUXA O FREIO!

ESTADO DE S. PAULO • Sábado, 22 de Março de 2008

DE PALAVRA EM PALAVRA



COM EDUARDO MARTINS

Nós freamos, e não “freiamos”



O anúncio da empresa automobilística piscava num portal da internet: “Enquanto você acelera a emoção de dirigir o nosso carro, nós **freiamos** o preço para você”. Será “freiamos”, realmente, a forma correta? Não é.

A flexão do verbo é **freamos**, por uma razão muito simples. Só existe o grupo **ei** na conjugação quando a sílaba mais forte é **a** que contém o **e** e da terminação **ear**. Assim:

frei-a, frei-o, frei-es, frei-e, frei-em.

Se a sílaba forte está depois do **e**, não aparece o **i**. Portanto: *frearam* e não “freiarão”, *freamos* e não “freiamos”, *frearia, freasse, freemos, freará*, etc. O mesmo ocorre com **recear**, por exemplo: *receia, recearam, receie, receemos, receiem, receamos, receava*, etc. Ou com **passear**: *passeia, passeiam, passearam, passeamos*. Ou ainda **enfeiar**: *enfeia, enfeiam, enfearam*,

enfeamos, etc. O som do verbo pode também ser aberto, que a conjugação não se altera: *estream, estreamos, estréia, estréia, estreou, estreava*, etc.

Só existem dois verbos no idioma terminados em **ear**: **enseiar** (formar seio em) e **veiar** (formar riscas à semelhança de veio). Nesses - e só nesses -, existem as flexões *enseiou, enseiava, ensaiaram, ensaiamos, veiou, vejava, veaiaram, veaiamos*, etc. ●

EDUARDO MARTINS é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*, *Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hifen* (Editora Manole), além de *6 Resumos de língua portuguesa*, editados pela Bafisa

65. SAIBA PEDIR

estadinho | Sábado, 29 de Março de 2008 • O ESTADO DE S. PAULO

DE PALAVRA EM PALAVRA



COM EDUARDO MARTINS

“Pedir para” é pedir permissão



O título de uma notícia do **Estadão**, logo após o jogo Palmeiras 4 x São Paulo 1, foi: *Muricy pede à equipe que esqueça goleada*. Poderia também ser *Muricy pede para a equipe esquecer goleada*? Não deveria.

Segundo a gramática tradicional, **pedir para** equivale apenas a pedir permissão, licença ou autorização: *O menino pediu para ir ao cinema*. / *O aluno pediu para sair mais cedo*. / *O devoto pediu para participar*

do coro.

Nesses casos, é como se fosse: *O menino pediu (permissão) para ir ao cinema*. / *O aluno pediu (licença) para sair mais cedo*. / *O devoto pediu (autorização) para participar do coro*.

Quando se pede que alguém faça alguma coisa, o que se deve é **pedir que**: *A professora pediu que os alunos chegassem cedo* (e não “pediu para os alunos chegarem cedo”). / *O delegado pediu que as testemunhas fossem depor* (e

não “pediu para as testemunhas irem depor”). / *O diretor da empresa pediu aos empreiteiros que concluíssem logo as obras* (e não “pediu para os empreiteiros concluírem logo as obras”).

Também não convém empregar a forma “pedir para que”. Por isso: *Pediu que todos o ajudassem* (e não “pediu para que todos o ajudassem”). / *O jogador pediu que lhe passassem a bola* (e não “pediu para que lhe passassem a bola”).

EDUARDO MARTINS é jornalista, autor dos livros **Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo**, **Com Todas as Letras - O Português Simplificado** (ambos da Editora Moderna) e **Uso do Hifen** (Editora Manole), além de **6 Resumões de língua portuguesa**, editados pela Bafisa

66. OLÍMPIADA

estadinho | Sábado, 12 de Abril de 2008 • O ESTADO DE S. PAULO

DE PALAVRA EM PALAVRA



COM EDUARDO MARTINS

Use Olimpíada, sem problemas



Por que alguns meios de divulgação falam "nas Olimpíadas" e outros "na Olimpíada" de Pequim? A forma **Olimpíadas**, com s final, surgiu para evitar confusão com a **Olimpiada** dos gregos, e é a que alguns dicionários modernos registram, entre os quais o *Aurélio*.

A tendência da mídia, porém, é cada vez mais preferir a designação **Olimpíada**, até porque evita que se pense tratar-se de várias disputas

simultâneas. Além disso, há opiniões ponderáveis em favor do singular: o dicionário *Houaiss*, de 2002, considera válidas tanto as formas *Olimpíadas* como *Olimpíada*.

Outros livros de referência, como o *Morais Silva* e o *Laudelino Freire* consignam a grafia *Olimpiada*, sem s, com definições idênticas a esta: "Celebração de competições atléticas internacionais, à semelhança dos jogos olímpicos dos antigos gregos."

Também uma inegável autoridade do idioma, o

professor Napoleão Mendes de Almeida, no *Dicionário de Questões Vernáculas*, defende a grafia **Olimpiada**: "Vários são os esportes, mas a celebração é uma." O gramático lembra ainda que se fala em *macabiada* e *universiada* e não em "macabiadas" e "universiadas".

Além disso, em todo o País proliferam competições com o nome de *Olimpiada de Matemática*, *Olimpiada de Língua Portuguesa*, *Olimpiada de Ciência*. ●

EDUARDO MARTINS é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*, *Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hifen* (Editora Manole), além de *6 Resumos de língua portuguesa*, editados pela Bafisa

67. RISCO DE MORTE

EDUARDO MARTINS
em palavra

De Palavra

Bombeiros correram, sim, “risco de vida”

Repórteres e narradores da televisão, na quase totalidade, ressaltaram que os bombeiros correram “risco de morte” na procura dos corpos das vítimas do desabamento na obra do metrô, em Pinheiros.

É essa, realmente, a única forma correta? Para dizer a verdade, o que sempre se usou no idioma foi **risco** ou **perigo de vida**. A expressão aparece já num texto do bandeirante Domingos Jorge Velho, de 1692 (!): “Não se pode andar na campanha, com tanto *risco de vida*, sem capelão.”

A locução foi ainda

empregada por José de Alencar, Aluísio Azevedo, Camilo Castelo Branco e Machado de Assis, entre outros escritores acima de qualquer suspeita.

Em *risco de vida*, está implícita a idéia de que “a vida corre risco”, de que “se põe em perigo a vida”. Como se fosse: *risco de (perder a) vida*. Lembre-se, mais, de que em *risco de* equivale a *em perigo de*.

Portanto, pode continuar a falar em **risco de vida**, sem nenhum receio. **(Conclui na próxima semana.)**●

Eduardo Martins é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo* de O Estado de S. Paulo, *Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hífen* (Editora Manole), além de 6 Resumões de língua portuguesa, editados pela Bafisa

68. SÃO PAULO É PENTA

DE PALAVRA EM PALAVRA



COM EDUARDO MARTINS

O São Paulo é penta, sim



Como conquistou cinco títulos em anos alternados, e não sucessivos, o São Paulo pode ser considerado **pentacampeão** brasileiro de futebol? Pode, uma vez que, segundo todos os dicionários do idioma, um time é **tricampeão** ou **tetracampeão** quando se torna campeão **três** ou **quatro** vezes. E não há a exigência de elas serem seguidas.

A dúvida surgiu porque, com base no fato de o Brasil se ter tornado **bicampeão**

mundial em 1962, os meios de comunicação mudaram, em 1970, uma prática que durava décadas. Até ali, só se nomeava **tricampeão**, **tetracampeão** ou **pentacampeão** um time que vencesse **três**, **quatro** ou **cinco** competições sem interrupção.

Foi o bicampeonato mundial de 1962 (o Brasil havia sido vitorioso em 1958) que influenciou o título obtido em 1970 e a imprensa atualizou a classificação da conquista: afinal, se em 1962 o Brasil havia sido **bi**, ele era **tri** em 1970, mesmo tendo sido derrotado

em 1966. E, pela mesma lógica, em 1994, a seleção se tornou **tetracampeã**. E, em 2002, **pentacampeã**.

Na verdade, a exigência de que os títulos de **bi**, **tri**, **tetra**, **penta**, **hexa**, etc. fossem sucessivos era imposta pelo **uso**. Mas sem o aval, como se viu, dos livros de referência. (Continua.) ●

EDUARDO MARTINS é jornalista, autor dos livros **Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo**, **Com Todas as Letras - O Português Simplificado** (ambos da Editora Moderna) e **Uso do Hifen** (Editora Manole), além de **6 Resumões de língua portuguesa**, editados pela Bafisa

69. 20.º ANIVERSÁRIO

COM EDUARDO MARTINS

DE PALAVRA EM PALAVRA



Parabéns pelo 20.º aniversário

Você, leitor do nosso *Estadinho*, deve dar "o seu parabém", "o seu parabéns" ou "os seus parabéns" pelos 20 anos de vida do nosso delicioso caderno infantil?

De preferência, deve dar "os seus parabéns". A primeira opção, "o seu parabém", está correta, mas a palavra, hoje em dia, só se usa praticamente no plural. Por isso, "os meus parabéns", "os seus parabéns", "os nossos parabéns".

Só não deve dar "o seu parabéns". Parabéns, como plural, exige que também estejam no plural os termos que o acompanham. Por isso, "parabéns atrasado", "muitos parabéns", etc.

E por que o acento? Todo vocábulo oxítono (a sílaba mais forte é a última) terminado em **em** e **ens** tem acento. Assim, também, *parabém, reféns, parabéns*.

É a origem de *parabém* (ou *parabéns*)? O vocábulo resulta da fusão de *para* com *bem*. Como se fosse: *para a felicidade, para a ventura*.

Finalmente, por que a comemoração de mais um ano de vida se chama *aniversário*? A palavra vem do latim *anniversarius* e, já no idioma original, designa alguma coisa que se faz ou volta todos os anos. Assim, o ato de completar mais um ano de vida é aquilo "que vem", "que chega", "que volta", "que se faz a cada ano".

EDUARDO MARTINS

é jornalista, autor dos livros *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*, *Com Todas as Letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hifen* (Editora Manole), além de *Resumos de Língua Portuguesa*, editados pela Belfra.



Capítulo 3

O adeus ao mestre Eduardo Martins

PUBLICAÇÕES

8 | **estadinho** | Sábado, 19 de Abril de 2008 • O ESTADO DE S. PAULO

MEMÓRIA

O adeus ao mestre Eduardo Martins

Um jornalista apaixonado pela Língua Portuguesa e pelo Palmeiras. Assim era Eduardo Martins, o colunista que nos brindou, no *Estadão* e neste *Estadinho*, com dicas preciosas do nosso idioma.

Internado desde o dia 9 passado, Eduardo morreu no último domingo, após muito lutar contra um tumor na bexiga. Durante o período da doença, nunca deixou de escrever sua coluna, *De Palavra em Palavra*, aqui nesta página.

Sua mulher, Maria Thereza, com quem foi casado por 44 anos, conta que no sábado passado ele conferiu seu último texto publicado no *Estadinho*. "Use Olimpíada, sem problemas", ensinava.

Nascido na cidade de Cárceres, em Mato Grosso,

AGLIBERTO LIMA/AE



PROFESSOR - Amor pelo idioma

Eduardo iria completar 69 anos no dia 26 de julho. Aos 17, começou a trabalhar na Redação do *Estado*, onde fez palavras cruzadas e foi redator, repórter, editor, e se tornou conhecido, sobretudo, como autor do *Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo*.

Orgulhava-se de dizer que seu emprego no *Estadão* foi o único que teve na vida. Contava também que trabalhou nos "tempos heróicos" da imprensa, porque, na época da ditadura militar, foi chefe do caderno de política, o mais censurado do jornal.

Escreveu ainda os livros *Com Todas as letras - O Português Simplificado* (ambos da Editora Moderna) e *Uso do Hífen* (Ed. Manole), além de uma série de seis *Resumões de Língua Portuguesa* (editados pela Bafisa). E vai deixar saudade. ●

13/04/08 - 22h49 - Atualizado em 14/04/08 - 10h20 GI - Globo.com

Morre em SP o jornalista Eduardo Martins

Ele foi autor do livro “Manual de Redação e Estilo do Estado de S. Paulo”.

Martins morreu aos 68 anos vítima de câncer e insuficiência respiratória.

Do G I, com informações da TV Globo

O jornalista Eduardo Martins, autor do livro “Manual de Redação e Estilo do Estado de S. Paulo”, morreu na madrugada deste domingo (13), aos 68 anos, vítima de câncer e insuficiência respiratória, informou o Grupo Estado.

Nascido em 26 de julho de 1939, em Cáceres (MT), Martins começou a trabalhar no jornal em 1956, na seção de palavras cruzadas. Ele também foi repórter, chefe de reportagem e responsável pelas editorias de Nacional, Economia e Cultura. O corpo do jornalista foi enterrado no cemitério São Paulo.

Quinta, 1 de maio de 2008, 07h55 Atualizada às 21h29

Eduardo Martins

**Sírio Possenti
De Campinas (SP)**

Nesse mês de abril meio esquisito, um dos que se foram foi Eduardo Martins. Achei muito estranho o que li sobre seu falecimento (teria sido causado por um câncer), porque vi a entrevista (aliás, só parte dela) que deu ao Juca Kfourri em seu programa Juca Entrevista, no começo de março. Não parecia doente, seja pela aparência, seja por seu desempenho, que me pareceu absolutamente normal.

Quando digo que seu desempenho pareceu absolutamente normal, quero dizer várias coisas. Que seu ritmo de fala era o de sempre, que seu ar bonachão era o mesmo de outras apresentações na TV, que a exposição do tipo de conhecimento no qual acreditava não se alterou em nada, isto é, nada indicava uma inflexão em seus estudos da língua. Também sua fala foi bem típica: alguns traços de sotaque caipira, um ou outro caso de orações adjetivas que certamente condenaria (a língua que nos comunicamos com os outros...), uma quantidade enorme de “dicas” para não errar mais - que, decididamente, não funcionam. Ele devia saber disso muito bem, porque dava sempre os mesmos cursos sobre as mesmas coisas...

Também contou uma pequena mentira a meu respeito - ou melhor, meia verdade sobre um episódio de que participamos juntos (só vi isso quando a entrevista foi reprisada, há poucos dias), do qual vou dar minha versão, não propriamente para retificar o que ele disse, mas para repetir uma velha distinção, que não consegui que compreendesse, paciência, agora é tarde.

Lá pelas tantas, a propósito de erros, Juca mencionou a entrevista que lhe dei no ano passado, e colocou-me entre os “libertários” (ele acha que defendemos os erros...). Então Martins contou que, há algum tempo, participamos juntos de uma consultoria (que não envolvia nada de variação linguística, diga-se), e que, indo de carro a S. Paulo (esse pedaço é imaginação dele, porque não houve essa viagem, houve apenas uma da faculdade ao restaurante), ele perguntou, já que eu defenderia as variantes populares do português, o que eu ensinava nas minhas aulas. Eu teria respondido “o português padrão”. Contou isso querendo dizer que nós, lingüistas, defendemos a fala “errada”, mas que, incoerentemente, ensinamos a “correta”. Mais do que isso: no fundo, concordamos com ele.

É sobre isso que quero falar um pouco. Primeiro, eu certamente não disse a ele que ensino língua padrão, simplesmente porque não dou aulas de português há mais de 30 anos (na época, há pelo menos 20). Mas é claro que EXIJO o dito padrão nos trabalhos dos alunos, sejam resenhas, sejam dissertações ou teses. Isso é tão óbvio quanto sair de casa vestido, porque a modalidade ou variedade linguística esperada em certos textos é aquela que uma sociedade (uma parte dela, na verdade) impõe em determinada época. E, claro, porque não há nenhuma razão para haver preconceito contra o padrão, se se aprende a não tê-lo contra o não-padrão...

Um lingüista (isso deveria ser claro, mas não tem sido, ou temos sido incapazes de nos fazermos entender, paciência) não é alguém que defende que devemos ou que podemos falar “errado”, mas que:

- a) observa como se fala;
- b) mostra que não se trata de erro, mas de outra variante, que as pessoas **de fato** empregam assim ou assado;
- c) que essas variedades diferentes **não são** formas de falar de **qualquer jeito**, mas seguem regras que podem ser explicitadas;
- d) que, um dia, quem sabe, isso que achamos que são erros serão as formas correias (o que já aconteceu muitas vezes na história da língua);
- e) que há outras formas de analisar os fatos da língua além dos propostos pelas gramáticas chamadas de tradicionais;
- f) que, de fato, as gramáticas são bem mais “liberais” do que obras como as de Eduardo Martins (mostrei isso aqui há algum tempo comentando a regência de “namorar”);
- g) que sustentam que não se aprende a falar ou a escrever direito seguindo uma soma enorme de dicas, mas praticando quotidianamente, e, mesmo assim, sempre sobrarão problemas... que, na verdade, não são problemas graves, são variantes, coisas previsíveis. Etc.

Em suma: um linguista aprende a ver que os chamados erros não são erros em termos “linguísticos”, mas apenas em termos históricos e sociais (assim como um botânico não acha que uma planta está errada ou um astrônomo que a lua erra em ter fases... etc.). Ele mencionou meu livrinho Por que (não) ensinar gramática na escola, até destacou que o “não” está entre parênteses, mas referiu-se a ele como se fosse uma obra de combate ao padrão... O que mostra que ou não o leu (o que me deixa um pouco chateado..., até porque lhe dei um exemplar, e, além disso, eu leio os textos dele, e os consulto quando estou inseguro sobre o uso de um hífen e outras coisas do gênero), ou que não o compreendeu, embora seja um livrinho de divulgação bem simples.

Mas eu queria contar outro trecho daquela nossa conversa no tal carro: descaradamente, perguntei a ele qual seria a chance de eu ter uma coluna no Estadão. Contei-lhe sobre o tipo de texto que eu publicava no Jornal de Jundiaí (de onde desejava ir para o mundo...). Pediu que lhe mandasse alguns textos e eu logo lhe entreguei meia dúzia, os que já tinha selecionado para tentar seduzi-lo. Mais tarde, disse-me que tinha gostado muito, mas que não havia espaço para textos assim no Estadão, que os leitores não se interessam por debates sobre a língua, eles querem saber se está certo ou errado falar assim ou assado. Insisti um pouco, disse que outra posição nunca tinha sido apresentada nos jornais, que talvez houvesse surpresas, o jornal não publica textos sobre controvérsias em numerosos campos? Por que não sobre língua? Tudo em vão.

Por que escrevi isso, e não um panegírico? Porque acho que as homenagens aos mortos não devem mentir. Além disso, no mundo intelectual, a melhor

coisa que subsiste é a possibilidade da controvérsia. Mas o que eu queria, assim como teria desejado estar lá, durante a entrevista, para retificar aqui e ali, para discordar acolá, é que ele pudesse responder a esse texto, quem sabe para dizer que é a minha memória que está falhando.

Sírio Possenti é professor associado do Departamento de Linguística da Unicamp e autor de *Cor que (não) ensinar gramática na escola*, *Os humores da língua* e de *Os limites do discurso*.



EDUARDO MARTINS (1939-2008)

A cara do Estadão

Por Júlio Ottoboni em 15/4/2008

A morte do jornalista Eduardo Martins encerra um ciclo nos jornais brasileiros, o das redações-escolas. Se o Estadão tinha uma identidade personificada, um traçado facial humano, era com certeza a cara do Eduardo Martins. Erudito, ranzinza, meticoloso, competente, didático, conservador e por vezes mal-humorado. Sem dúvida, uma referência em diversos sentidos dentro do jornal. Gostassem ou não do jeito dele, ninguém que o teve como companheiro pode contestar sua eficiência, profissionalismo e dedicação.

Apesar do meu cargo de repórter da rede nacional, trabalhei diretamente ligado a ele por vários anos na década de 1990, quando o jornalão dos Mesquitas primava ainda por ter uma cobertura paulista, e não somente paulistana. Ter como editor o criador do Manual de Redação e Estilo não era fácil - ou se conhecia a "bíblia" do Eduardo, ou se tinha a certeza que o texto seria alvo da caneta. Sem dó nem piedade.

A consequência dos deslizes eram mensagens ou broncas telefônicas sobre os erros cometidos. Não lhe escapava nada. E a solução era abrir o manual de 400 páginas e coluna dupla e estudar. Sem dúvuvvvvida, uma escola fantástica, dirigida por alguém que realmente se importava com a qualidade do que seria impresso e em exigir isto de todos, desde os novatos até os históricos da redação.

Rígido, nunca censor

Como todo professor exigente - e ele tinha uma postura professoral -, muitos viam aquela cruzada pela normalização do texto e do estilo como algo secundário ou mesmo cerceador. Alguma coisa entre o irritante e o "chato", adjetivo esse que acabou por colar na própria figura do mestre.

Mas com o passar do tempo grande parte acabava por perceber que estava numa escola de jornalismo, onde as falhas eram sistematicamente corrigidas por um jornalista exemplar. Mesmo aqueles que se remoíam de raiva ao ver os erros marcados em caneta vermelha nas páginas do jornal, solenemente pregadas numa das pilastras da redação, sabiam que estavam diante de um homem obstinado e exemplarmente perfeccionista.

O ganho profissional em se ter alguém como o Eduardo Martins ao lado era fantástico, é inegável. E ele era um apaixonado por belos textos, o que o fez um grande conhecedor de literatura e profundo admirador da música de Adoniran Barbosa. Se o repórter desenvolvia um estilo próprio, dentro das regras estabelecidas, era elogiado. Apesar da rigidez, ele nunca se tornou um censor ou castrador da criatividade.

Jornalista-professor

Para facilitar a vida dos mais aflitos, o jornal criou o curso interno do Manual de Redação. E uma das saídas era sumariar os itens mais importantes em pequenas apostilas, que até hoje, quase uma década depois de minha saída do Estadão, ainda utilizo.

Eduardo Martins fez história, não só Grupo Estado. Num país cujos índices de leitura são baixíssimos, inclusive na classe média, ele conseguiu transformar o Manual de Redação e Estilo, uma ferramenta exclusiva do jornal, em best-seller celebradíssimo pelos quatro cantos do país.

Com o falecimento de Eduardo Martins - o homem das palavras cruzadas -, boa parte da história do Estadão seguirá com ele. Espero que não deixem essa rica memória, tanto pessoal como institucional, desaparecer no esquecimento. Embora acredite que com ele se foi o último jornalista-professor das redações.



EDUARDO MARTINS (1939-2008)

A paixão pela palavra certa

Por José Maria Mayrink em 15/4/2008
Reproduzido do Estado de S.Paulo, 14/4/2008

Era só jornalista e foi um jornalista reclamão até o fim. Internado desde o dia 9 no Hospital São Camilo, onde morreu aos 30 minutos de domingo (13/4), vítima de insuficiência respiratória e de um tumor na bexiga, entrou na UTI inconformado com o tamanho do televisor do quarto e falando das colunas que teria de escrever quando tivesse alta.

“O Palmeiras tem de ganhar, mandem buscar minha televisão em casa”, comentou para a mulher, Maria Thereza, sua companheira de quase meio século - 44 anos de casamento, depois de 3 anos e 7 meses de namoro e noivado. Antes de ser entubado, às 21 horas de sábado, conferiu o último texto publicado pela manhã no “Estadinho”, suplemento infantil do Estado de S.Paulo. “Use Olimpíada, sem problemas”, ensinava na coluna “De Palavra em Palavra”.

Natural de Cáceres (MT), Eduardo Martins nasceu em 26 de julho de 1939. Aos 17 anos de idade, começou a trabalhar na Redação do Estado, primeiro fazendo palavras cruzadas como colaborador e, a partir de 1960, sucessivamente como redator, repórter e editor. Aos 68 anos, costumava dizer, com muito orgulho, que esse foi o único emprego de sua vida, uma paixão profissional.

Trabalhou num período difícil para a imprensa, “tempos heróicos”, como gostava de definir. Lembrava principalmente o período de 1974 a 1982, quando foi editor de Nacional, a seção mais visada pelo regime militar. O Estado publicava versos de Os Lusíadas, de Luís de Camões, para preencher o vazio deixado pelas reportagens censuradas.

Obra inédita

Eduardo Martins foi também editor de Economia, de Interior e de Arte (atualmente “Caderno 2”), antes de passar a assistente do editor-chefe e, mais tarde, a chefe do Departamento de Documentação e Informação (Arquivo), cargo que ocupava ao se aposentar em junho de 2006.

Deixou o jornal, mas não parou. Além de escrever para o “Estadinho”, fazia palavras cruzadas para a Agência Estado e artigos para revistas e editoras. Ex-colaborador da Rádio Eldorado, atividade pela qual recebeu o prêmio de melhor programa de cultura em 2001, também dava frequentes entrevistas para emissoras de rádio e televisão.

Era um especialista em Língua Portuguesa. Autor do *Manual de Redação e Estilo*, que o Estado lançou em 1990 com grande repercussão, escreveu o livro

Com Todas as *Letras: o Português Simplificado e uma série de seis Resumões da Língua Portuguesa*.

Para o diretor do Master em Jornalismo e professor de Ética, Carlos Alberto Di Franco, o jornalista foi um grande profissional. “O Manual de Redação que ele deixou é, na minha opinião, o melhor do Brasil”, afirma. “Presta uma ajuda eficaz sem se tornar uma camisa-de-força.”

Eduardo Martins deixa inédita a obra *Os 300 Erros Mais Comuns da Língua Portuguesa*, que seria lançada nos próximos meses. Apaixonado pela Gramática, Eduardo Martins era um jornalista capaz de falar durante horas sobre redação, estilo, hifens e acentuação.

Enterro

Do Hospital São Camilo, o corpo do jornalista foi levado, na manhã de domingo, para o velório do Cemitério São Paulo, no bairro Pinheiros, onde foi enterrado às 16 horas. Cerca de 120 pessoas, entre familiares, companheiros de trabalho e amigos, assistiram ao sepultamento. Cobrindo o caixão, uma bandeira do Palmeiras.

[Colaborou Alexandre Gonçalves]



EDUARDO MARTINS (1939-2008)

A morte de um mestre

Por Adhemar Oricchio em 15/4/2008

A imprensa brasileira perde um dos seus mais nobres representantes e nós, um grande amigo. A impressão é a de que Eduardo Martins já nasceu para o jornalismo; era sua vida e ele a exerceu até seus últimos dias. Intransigente e ranzinza, principalmente quando se tratava da língua portuguesa. Obstinado pela perfeição, não admitia erros e não fazia questão de esconder quando notava algum deslize por parte de um jornalista - mesmo dos demais companheiros de redação, até mesmo dos contínuos.

Compartilhei por 32 anos com o Eduardo duas grandes paixões: a editoria do Interior do *Estado de S.Paulo* e a Sociedade Esportiva Palmeiras. Passávamos horas e horas falando desses dois assuntos. Em meados dos anos 1980, quando ele editava Interior e eu era responsável pela rede de sucursais e correspondentes, trocávamos idéias para pautas e edições do material do dia seguinte. Quanto ao nosso querido “verdão”, resolvíamos lá, no dia-a-dia, todas as questões de táticas e contratações de jogadores, mesmo porque nessa época éramos uma “academia de futebol”.

Durante a elaboração do *Manual de Redação e Estilo do Estadão*, Eduardo era um obstinado, levava às últimas consequências o seu trabalho, coletava informações aqui e ali para incluir na sua grande obra, que se transformou em uma espécie de bíblia para todos os estudantes, jornalistas e mesmo para as pessoas que queiram escrever textos corretamente.

Vida e jornalismo

Nos seus mais de 40 anos na Redação do *Estadão*, sempre foi uma referência e um porto seguro para aqueles que tinham alguma dúvida. Lembro-me que nas reuniões de pauta discutíamos sempre a edição do dia e o Eduardo aparecia com o jornal todo rabiscado em vermelho, com sugestões e correções. Era o “chato” que todos respeitavam, pois suas intervenções eram sempre pertinentes e todo dia tínhamos alguma coisa a aprender com o “mestre” Eduardo.

A morte ceifou uma das mentes mais brilhantes do jornalismo. Aos 17 anos de idade Eduardo compartilhava do “mesão” que elaborava a primeira página do *O Estado de S.Paulo* e, já naquela época, se destacava para uma carreira de sucesso. Passou por todas as editorias do jornal, inclusive como editor de Nacional à época da ditadura militar, quando o Estadão marcou presença ao publicar versos de Camões para substituir as matérias censuradas. Uma época terrível e heróica para os jornalistas que queriam a plena democracia e a liberdade de imprensa.

Eduardo soube superar todas as adversidades da profissão e sempre conseguiu amearhar o respeito de todos que encontravam nele o mestre que os ajudaria a escrever o texto correio.

O amigo Eduardo morreu como sempre viveu: “reclamão”, não deixava por menos, mas muitos jornalistas, inclusive eu, agradecem a intransigência do velho companheiro. Graças a ele aprendemos um pouco mais sobre a vida e o jornalismo. Que os serviços prestados pelo Eduardo sirvam de exemplo para todos nós.

